

PRINCÍPIOS E PARÂMETROS E(M) AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA: OS PARES “ESPAÑHOL-PORTUGUÊS”¹

PRINCIPLES AND PARAMETERS AND/IN SECOND LANGUAGE ACQUISITION: “SPANISH-PORTUGUESE” PAIRS

SAMARA DE SOUZA ALMEIDA RUAS
Universidade Federal da Bahia
samara.ruas@ufba.br

O objetivo deste trabalho é tratar da pesquisa em Aquisição de Segunda Língua no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986, 1995, 2000, 2005, 2013). Com foco nas propriedades de sujeito nulo de pares linguísticos *espanhol-português*, problematizamos algumas questões debatidas mais recentemente na comunidade linguística internacional quanto a primitivos teóricos e à representação de gramáticas não-monolíngues. Esperamos poder contribuir para a construção de um cenário de possíveis agendas de pesquisa no

¹ Este trabalho se enquadra no projeto de pesquisa institucional da autora, intitulado “Aquisição de Segunda Língua em uma abordagem teórica e experimental: as propriedades [EPP] na representação e no desenvolvimento de gramáticas não-monolíngues”, o qual também está vinculado ao *Grupo de Estudos Linguísticos Hispânicos* (certificado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq) e ao *Grupo de Estudos Multi/Bilinguismo, Cognição e Sociedade* –, o primeiro, liderado por Carlos Felipe Pinto (UFBA) e pela autora; e o segundo, pela autora. A proposta a ser apresentada tem como base empírica os resultados de Ruas (2017). A ideia de representar as (sub)gramáticas em conjuntos começou a ser desenvolvida durante o seu estágio doutoral na University of Massachusetts Amherst, em 2015/2, sob a supervisão de Luiz Amaral, com base nas aulas das disciplinas cursadas. O desenvolvimento posterior é decorrente dos resultados da pesquisa realizada na Cidade do México, durante o seu estágio doutoral no El Colegio de México, em 2016/1, sob a supervisão de Rodrigo Gutiérrez Bravo. Seu desenrolar mais recente tem como influência a conferência de Ian Roberts, intitulada “Domains e Parameters”, no encerramento do *Workshop on Subject, Topic and Clausal Architecture*, na Universidade Federal de Santa Catarina, em novembro de 2019, bem como os estudos realizados durante uma licença capacitação na Stony Brook University, em 2020/1, sob a supervisão de Francisco Ordóñez. Agradecemos a esses colegas e, também, a Andrés Saab (SADAF-UBA), que gentilmente aceitou o convite para ministrar uma vídeo-conferência, intitulada “Sujetos nulos: su distribución a través de las lenguas”, no *Seminário Permanente sobre Língua Espanhola: sintaxe e microvariação*, na Universidade Federal da Bahia, em agosto de 2019. Agradecemos aos coordenadores do projeto *Romania Nova* pela organização deste volume especial. Também, aos estudantes do curso *Tópicos em Linguística Formal (Aquisição da Linguagem)*, ministrado em 2019/2, a convite do Programa de Pós-Graduação Língua e Cultura: pela participação ativa e pela motivação a mim proporcionada para a publicação deste trabalho; em especial, a Camilla Rastely, pela leitura das versões preliminares, e a Carlos Eduardo da Silva, pelas trocas sobre a Teoria de Conjuntos. Por fim, aos revisores anônimos pelos comentários. Quaisquer erros são de nossa inteira responsabilidade.

âmbito do programa biolinguístico de investigação a partir de um contexto linguístico latino-americano.

Palavras-chave: Aquisição, L₂, sujeitos nulos, espanhol, português

This article aims to address Second Language Acquisition research under the Principles and Parameters model (Chomsky 1981, 1986, 1995, 2000, 2005, 2013). Focusing on null subject properties in *Spanish-Portuguese* pairs, we examine some issues that have been debated most recently by the international linguistic community, in particular concerning theoretical primitives and representation of non-monolingual grammars. We expect this work to contribute to drawing a scenario for the construction of possible research agendas in the field of the biolinguistic inquiry from a Latin American linguistic context.

Keywords: Acquisition, L₂, null subjects, Spanish, Portuguese

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 09 octubre 2020

1. INTRODUÇÃO

Nos anos 80, o modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) (Chomsky 1981, 1986, 1995, 2000, 2005, 2013) –um modelo formal de restrição e variação de gramáticas–, revigorou os estudos em aquisição da linguagem, com uma agenda de pesquisa interessada em investigar, entre outros aspectos, o estágio inicial no processo de aquisição, isto é, o conteúdo da Gramática Universal (GU). Na formulação inicial do modelo P&P, a GU estava constituída de princípios universais responsáveis pela restrição de gramáticas, e de parâmetros, os quais deveriam ser fixados, mediante a experiência linguística do falante (português, espanhol, inglês etc.). Com isso, dava-se uma resposta ao Problema Lógico da Aquisição da Linguagem (o Problema de Platão): como a criança poderia em tão pouco tempo e de maneira tão uniforme e natural alcançar um conhecimento de linguagem tão complexo, mesmo quando não há evidências positivas ou diretas? A resposta: ela não teria de aprender tudo; haveria um dispositivo inato responsável por restringir o espaço de hipóteses, nos termos colocados anteriormente.

No mesmo período, se estabeleceu uma agenda de pesquisa gerativista em Aquisição de Segunda Língua (SLA/Gen) interessada em investigar o Problema Lógico da Aquisição da L₂ (White 2003): o aprendiz alcança um conhecimento inconsciente da gramática da língua-alvo? Como desdobramento: esse conhecimento seria alcançado por meio da GU? Considerando que a gramática da L₁ é restringida pela GU, também se investigou o papel desta no processo de aquisição da L₂. Uma das hipóteses é a de Acesso Total/Transferência Total (Schwartz e Sprouse 1996), segundo a qual, no estágio inicial, o aprendiz transfere os valores paramétricos de sua L₁ na L₂, mas, ao longo do processo de aquisição, há a atuação da GU. Dois argumentos validam essa hipótese, mediante as evidências empíricas: a gramática da interlíngua do aprendiz pode ser uma tal que não corresponda nem à da L₁ nem à da L₂, quanto a algum aspecto, mas à de alguma língua natural; e em nenhum estágio se observa uma gramática impossível nas línguas naturais. Essa hipótese prevê que, no estágio final, a gramática do aprendiz pode ser convergente ou divergente com a gramática da língua-alvo. Para convergir, o aprendiz teria de refixar ou reconfigurar os valores paramétricos de sua L₁ na L₂.

Com essa breve contextualização acerca do nascimento da SLA/Gen, na esteira do modelo P&P e da pesquisa em aquisição da linguagem, é possível fazer algumas generalizações. A primeira e mais óbvia é que esse campo de pesquisa está respaldado teoricamente na Gramática Gerativa (GG) e, portanto, se enquadra no que é denominado “modelos baseados na forma” (em detrimento de “modelos baseados no uso”). A segunda é que, enquanto tal, não pode prescindir de um modelo de representação. A terceira é que para lidar com a representação precisa ter como base primitivos teóricos por meio dos quais seja possível descrever e analisar as diferenças entre as línguas em termos de propriedades formais, porque, afinal, é preciso saber o que constitui a gramática da L_1 e da L_2 , e o que o aprendiz precisa adquirir mais especificamente. A quarta é que precisa lidar necessariamente com o que vamos chamar de “(re)arrançamento” (como processo e estabilização) de gramáticas. Em outras palavras, precisa lidar com um modelo de representação de gramáticas não-monolíngues.

Em SLA/Gen, os primitivos estão associados às noções de parâmetro, núcleos funcionais (no CP, TP, vP, DP), traços (ausência/presença) ou valores de traços (forte/fraco, não-interpretável/interpretável, não-valorado/valorado) (Liceras *et al.* 2008). Os modelos de representação descrevem e analisam os estágios da gramática da interlíngua em um período de tempo $-t_1, t_2, t_x-$, em termos de propriedades formais $-p_f-$, observando o seu (re)arrançamento. Basicamente, esse (re)arrançamento pode ser abordado como um processo que envolve refixação, reconfiguração, remontagem ou acomodação de p_f , dependendo da linha de análise (Lardiere 2008; Amaral e Roeper 2014a).

A partir de evidências empíricas, várias hipóteses têm sido levantadas e discutidas. O parâmetro tal como formulado inicialmente, isto é, como um conjunto de propriedades, em uma dimensão, por vezes, tipológica, assim como a ideia de refixação ou reconfiguração paramétrica, foi questionado enquanto primitivo no processo de aquisição de L_2 , entre outros motivos, porque: a mudança linguística na mente do aprendiz não ocorre como “tudo ou nada”; a variabilidade ou opcionalidade é uma característica nas gramáticas estáveis; a transferência não se dá apenas da L_1 para a L_2 , mas também da L_2 para a L_1 ; assim como há opcionalidade, pode haver atrito a depender da experiência linguística; e parece haver assimetria quanto à compreensão e produção. Tendo em vista essas questões empíricas, em vez de refixação ou reconfiguração paramétrica, outros modelos preveem a remontagem de traços, ou ainda, a acomodação e seleção de regras em (sub)gramáticas. Além de discutirmos questões relacionadas aos primitivos teóricos e à representação de gramáticas não-monolíngues, propomos um esquema de mapeamento de propriedades p_f em (sub)conjuntos, com base no modelo das Gramáticas Múltiplas (MG) (Amaral e Roeper 2014a,b).

Parâmetros não constituem um problema de investigação específico para SLA/Gen, e sim para a própria teoria linguística (e mais especificamente, sintática), por isso mesmo vêm sendo reformulados dentro de propostas mais sofisticadas, que os redimensionam e hierarquizam. Sob certa perspectiva, parâmetros e traços não são irreconciliáveis dentro do que ficou conhecido como Conjetura Borer-Chomsky (BCC) (Baker 2008) –no Programa Minimalista–, o que nos coloca diante de um problema de investigação empírica relevante no que diz respeito a gramáticas não-monolíngues. Modelos de representação de gramáticas não-monolíngues devem lidar com a restrição, além da variabilidade, no programa biolinguístico de investigação. Com base na hierarquia de parâmetros relacionada às propriedades pro-drop apresentada em Roberts (2019a, b), fazemos algumas previsões acerca da direcionalidade na aquisição de propriedades de sujeito nulo, tendo em vista diferentes configurações de pares *espanhol-português*.

A escolha do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) se deve mais especialmente a três motivos: à quantidade de estudos já realizados tanto no campo da descrição e análise linguística,

sincrônica e diacronicamente, quanto no de SLA/Gen; à amplitude de aspectos linguísticos que direta ou indiretamente podem estar relacionados; e à necessidade de se investigar teórica e empiricamente a aquisição de segundas línguas com pares linguísticos formados por línguas tipologicamente próximas como o espanhol e o português, quanto aos mesmos aspectos, no contexto da realidade linguística latino-americana.

Para tanto, organizamos este texto nas seguintes seções: na segunda, abordamos o modelo P&P no programa de investigação biolinguístico e, mais especificamente, o debate em torno do parâmetro como primitivo válido ou não no minimalismo, com ênfase no PSN; na terceira, abordamos o problema de investigação acerca do PSN em Línguas de Sujeito Nulo (LSNs) dos tipos observados em espanhol e português; na quarta, abordamos o problema acerca dos primitivos e da representação de gramáticas não-monolíngues; na quinta, apresentamos a nossa proposta, bem como apontamos possíveis horizontes de investigação envolvendo pares *espanhol-português*; e na sexta, tecemos as considerações finais. Com isso, pretendemos contribuir com os estudos em SLA/Gen (e multi/bilinguismo em geral), traçando perspectivas para agendas de pesquisa a partir de um contexto linguístico latino-americano, o que vem ao encontro da proposta do projeto Romania Nova, vinculado à Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL).

2. PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

O modelo P&P deve ser situado como parte de um programa de investigação biolinguístico que tem como objetivo mais amplo compreender o que nos distingue como espécie humana: a Faculdade da Linguagem (FL) (Hauser *et al.* 2002; Berwick e Chomsky 2011). A linguagem humana, como objeto do mundo natural—porque interna à mente/cérebro—, nos constitui biologicamente. Portanto, como parte desse programa, compreender em que consiste a propriedade básica da linguagem humana requer necessariamente uma teoria sobre o estágio inicial da aquisição da linguagem, isto é, uma teoria sobre a restrição de gramáticas. Entenda-se, por gramática, língua-I (i.e. um algoritmo).

2.1. A teoria da GU

A GU, uma teoria sobre a dotação biológica da FL, esteve/está sujeita a reformulações. A tarefa tem sido (re)definir o seu conteúdo com vistas a diminuir a sua complexidade. Pensando ser um recorte teórica e metodologicamente pertinente para os fins (e o espaço) deste trabalho, delimitamos essas reformulações em três momentos do modelo P&P, dentro da Teoria de Regência e Ligação (GB) e do Programa Minimalista (MP): (i) o conteúdo da GU são princípios e parâmetros (Chomsky 1981, 1986); (ii) o conteúdo da GU são princípios de economia (Chomsky 1995, 2000); e (iii) o conteúdo da GU é uma operação recursiva mais básica, denominada Merge (Chomsky 2005, 2013). Há, portanto, uma drástica redução do conteúdo da GU. Além disso, como veremos, há um divórcio entre princípios e parâmetros, no sentido de que estes deixam de ser entendidos como opções atreladas àqueles.

No primeiro momento (i), a GU está dotada de princípios universais com valores em aberto—tal qual em uma “caixa de interruptores”—, os quais devem ser fixados pela criança durante o processo de aquisição, com base nos dados linguísticos primários. Esses princípios operam em módulos (Teoria X-barra, Teoria Theta, Teoria do Caso etc.) e em diferentes níveis de

representação sintática (Estrutura-P(rofunda), Estrutura-S(uperficial), Forma Lógica). Um princípio bastante conhecido é o Princípio da Projeção Estendida (EPP)², segundo o qual todas as línguas naturais apresentam uma posição estrutural de sujeito. O parâmetro, neste caso, está relacionado ao preenchimento ou não dessa posição. Ao fixar o parâmetro, a criança adquire, de uma só vez, um aglomerado de propriedades (como um “efeito cascata”), o que minimizaria a tarefa da aquisição e daria uma resposta aparentemente satisfatória ao Problema de Platão, já mencionado.

No segundo momento (ii), o conteúdo da GU é reduzido a princípios de economia computacional. Os itens lexicais entram na computação e são combinados em uma estrutura hierárquica de constituintes sintáticos. O sistema computacional (C_{HL}) gera um par de som e significado (π , λ), em que π é um objeto da Forma Fonética (PF) e λ é um objeto da Forma Lógica (LF). Essas estabelecem interfaces com os sistemas de desempenho: Articulatório-Perceptual (A-P)³ e Conceitual-Intencional (C-I), respectivamente. O par (π , λ) está sujeito ao princípio de Interpretação Total, segundo o qual todos os traços devem ser legíveis nas interfaces. As operações ocorrem para a checagem/valoração desses traços e obedecem a princípios de economia –como o de Último Recurso–, os quais foram formulados de duas maneiras: como globais⁴ (aplicados em toda derivação) e, depois, como locais (aplicados em domínios específicos da derivação, nas fases). Todos os parâmetros de variação são atribuídos às diferenças nos traços dos itens particulares (e.g. os núcleos funcionais) especificados no Léxico, o que ficou conhecido como Conjetura Borer-Chomsky (Baker 2008: 353). O EPP é uma propriedade formal de um núcleo funcional –traço-D forte de T, ou ainda, traço de borda/especificador–, “parametrizado” em função das particularidades morfológicas das línguas e dos núcleos funcionais (e.g. morfologia flexional verbal e T). Como as línguas satisfazem essa propriedade tem implicação em sua sintaxe visível (e.g. sujeito nulo ou não).

No terceiro momento (iii), o conteúdo da GU é reduzido ao que seria a operação computacional mais simples: Merge. Essa operação combina dois objetos X e Y, e forma um novo objeto Z, sem modificar e impor nova estrutura nem ordem a X e Y – Merge (X, Y) = {X, Y}. Existem dois tipos: Merge externo (ME) e Merge interno (MI). ME combina objetos para formar a estrutura argumental; e MI reintroduz objetos já formados –em outras palavras, desloca constituintes, o que é entendido como um procedimento de cópia e deleção–, devido a propriedades de borda, escopo ou discurso (informação dada/nova). Essas operações ocorrem em interação com princípios de eficiência computacional –computação mínima⁵–, relacionados ao terceiro fator do *design* da linguagem (não específicos da linguagem). Na abordagem baseada em Merge, objetos sintáticos são etiquetados para que possam ser interpretados nas interfaces. Um princípio de eficiência computacional denominado Algoritmo de Etiqueta (LA) opera em pequenos domínios –nas fases–, com essa finalidade. O EPP deve ser satisfeito como uma necessidade de que T seja etiquetado. Esse procedimento pode ser “parametrizado” da seguinte maneira: em línguas como o inglês, o sujeito se desloca e entra em uma relação de concordância

² Chomsky (1981: 10) une, no Princípio de Projeção Estendida (EPP), o Princípio de Projeção –propriedades Theta de cada item lexical devem ser apresentadas categoricamente em cada nível de representação sintática: LF, Estrutura-S, Estrutura-D–, e o requerimento que as orações tenham sujeito.

³ Ou Sensorio-Motor, conforme mais utilizado recentemente.

⁴ Os princípios globais são entendidos também como indutores de operações ótimas em um conjunto de derivações em competição, sendo esta a noção de “global” mais relevante no primeiro minimalismo (Andrés Saab, em comentário pessoal).

⁵ Por exemplo, procura mínima, como Agree (Chomsky 2000) e Algoritmo de Etiqueta (Chomsky 2013).

(“Spec-Head” no TP); e em línguas como o italiano, as propriedades morfológicas do verbo são suficientes para a etiquetagem⁶.

As reformulações na teoria da GU implicam, inevitavelmente, a própria caracterização da FL. No primeiro momento, a FL está dotada de uma GU constituída de princípios e parâmetros; no segundo, de uma GU que opera princípios de economia computacional; e no terceiro, de uma GU bem mais limitada, que nos capacita a realizar Merge. Neste momento, a FL (sentido amplo) é entendida como um conjunto de três fatores: primeiro fator, dotação genética; segundo fator, experiência; e terceiro fator, princípios não específicos da linguagem, tais como princípios de eficiência computacional e princípios de análise de dados que podem ser utilizados na aquisição da linguagem, assim como em outros domínios. Parâmetros também são atribuídos ao terceiro fator ou a uma interação de fatores.

2.2. Parâmetros

2.2.1. O Problema

Em sua formulação inicial –conceito clássico–, o parâmetro esteve associado a um aglomerado de propriedades, de maneira que, por um lado, com um pequeno número deles, se pudesse caracterizar o conjunto de gramáticas possíveis nas línguas e, por outro, simplificar a tarefa da aquisição da linguagem. No entanto, o parâmetro tem sido objeto de muito debate, do ponto de vista empírico e teórico, e submetido a reformulações. É possível identificar dois posicionamentos mais gerais: sob certa perspectiva, o parâmetro não é um primitivo válido na teoria sintática, sobretudo no Programa Minimalista (Newmeyer 2004; Boeckx 2014); e sob outra, dependendo de como entendido, o parâmetro é um primitivo não só válido, como também necessário (Roberts e Holmberg 2005; Holmberg 2010).

Para entender a primeira perspectiva, é necessário ter em vista o próprio conceito de parâmetro que se está considerando. O entendimento é de que, para responder satisfatoriamente ao Problema de Platão, o parâmetro deve ser tomado em sua formulação inicial, mediante evidências empíricas, isto é, observado nas gramáticas das línguas, inclusive, tipologicamente distantes, e no desenvolvimento linguístico da criança durante o processo de aquisição. Newmeyer (2004), argumentando que os efeitos previstos não são efetivamente constatados, defende que parâmetros não existem, mas sim regras particulares, não necessariamente umas relacionadas com as outras, nas línguas. Boeckx (2014), seguindo a mesma linha, argumenta que existe um abismo entre a pesquisa teórica e a pesquisa em aquisição da linguagem. A teoria de parâmetros não explica os estágios do desenvolvimento linguístico infantil e, mais, é insuficiente para resolver o problema de aquisição, que deve recorrer a estratégias não baseadas na gramática. Além do mais, segundo o autor, no minimalismo não é possível falar em “princípios parametrizados”. Uma vez que não há princípios abertos –com opções paramétricas, tal como nos termos da GB–, também não pode haver parâmetros (“substantivos”, nas palavras do autor).

Para entender a segunda perspectiva, é necessário ter em vista outros conceitos de parâmetro (como microparâmetro, macroparâmetro, hierarquia de parâmetros). O entendimento é de que não há como dar uma resposta para o Problema de Platão sem que se considere algum mecanismo que reduza a complexidade da tarefa da aquisição. Roberts e Holmberg (2005) argumentam que algumas das regras elaboradas por Newmeyer equivalem a configurações

⁶ Cf. Chomsky (2015).

paramétricas, mas sem que apresentem alguma vantagem efetivamente⁷. Os autores defendem que, com um número limitado de parâmetros, é possível produzir a magnitude de gramáticas possíveis, pois eles permitem colapsar as diferenças entre as línguas em propriedades abstratas simples. Holmberg (2010) argumenta que, desde que os parâmetros estejam subespecificados na GU, e a variação esteja restringida pelo terceiro fator, a abordagem é consistente com o minimalismo⁸.

Uma vez que se assume o parâmetro como primitivo, a teoria sintática deve lidar com a seguinte questão (mas que se desdobra em outras): o que é um parâmetro? Por um lado, o parâmetro pode ser entendido de um ponto de vista microparamétrico (Kayne 2005) e, por outro, macroparamétrico (Baker 2008). Kayne (2005), relativizando a magnitude do “efeito cascata”, argumenta que parâmetros sintáticos são necessariamente traços/propriedades de elementos do Léxico, e o que importa na sintaxe comparativa são quaisquer diferenças, ainda que mínimas (i.e. microparamétricas), mas com efeitos não triviais nas gramáticas das línguas. Sob esta perspectiva, todo elemento funcional disponível na GU é associado a algum parâmetro sintático. Sendo assim, o autor defende a vantagem de se comparar um conjunto de línguas ou dialetos muito próximos (e.g. línguas românicas; dialetos do italiano: trentino, fiorentino e piedmontese). Baker (2008) argumenta que um sistema em que toda variação paramétrica seja atribuída a diferenças microparamétricas na composição de núcleos funcionais, tal como na BCC, não pode explicar os padrões de variação observados em línguas tipologicamente distantes (e.g. moicano e espanhol). No domínio da ordem de palavras, por exemplo, os fatos evidenciam uma distribuição bimodal –núcleo-final e núcleo inicial–, sob uma perspectiva macroparamétrica, de maneira que diferenças pontuais (“ruídos”) devam ser explicadas sob uma perspectiva microparamétrica.

A abordagem microparamétrica da BCC é questionada também devido à proliferação de parâmetros. Roberts e Holmberg (2010) concordam com Baker (2008) em que se devem distinguir macroparâmetros e microparâmetros, mas conciliam essa divisão nos termos da BCC, considerando que a variação paramétrica está relacionada aos traços formais dos núcleos funcionais. De acordo com os autores, há três vantagens nessa perspectiva dentro do minimalismo: limita o que pode variar, já que há princípios extremamente reduzidos como

⁷ Roberts e Holmberg (2005: 2) mencionam a proposta de Newmeyer (2004) sobre a regra de ordem núcleo-complemento (em referência ao parâmetro de núcleo):

- (i) a. Complementos estão à esquerda do núcleo.
- b. Complementos estão à direita do núcleo.

Essas regras seriam operativas, respectivamente, em japonês e inglês. A GU especifica que um constituinte consiste em um núcleo e um complemento. Existem duas regras possíveis de especificação de ordem e cada língua apresenta uma delas. A regra leva em conta também a categoria, de maneira que complementos podem anteceder nomes, mas seguir verbos, em uma mesma língua. Assim, só pode haver duas regras, vezes o número de categorias em relação ao seu complemento, portanto, um número reduzido e finito. Neste sentido é que os autores assinalam a semelhança da abordagem de regras específicas às línguas à configuração paramétrica. Um parâmetro pode ser reformulado como um conjunto de regras concorrentes. No caso da ordem núcleo-complemento, o que é específico é a escolha da regra dentro de um conjunto de regras permitidas pela GU, tal como no caso da configuração paramétrica, mas não mais simples que a teoria de princípios e parâmetros clássica.

⁸ Holmberg (2010: 8) defende que o parâmetro é o que marcamos quando um princípio da GU é subespecificado com relação a alguma propriedade, isto é, um “princípio menos alguma coisa”, seja a especificação do valor de um traço, um movimento, uma ordem linear, etc. No caso do parâmetro de núcleo-complemento, a GU especifica que um núcleo pode se concatenar com uma categoria máxima, o seu complemento, mas sem especificar a ordem linear: o núcleo pode anteceder ou seguir o complemento. Devido a restrições físicas do nosso aparato articatório e perceptual, não é possível materializar o núcleo e o complemento simultaneamente, o que é entendido como efeito de terceiro fator sobre o parâmetro.

Merge e Agree, os quais não variam em si mesmos; atribui às entradas lexicais parte do que deve ser aprendido, tendo em vista as diferenças no Léxico das línguas; e impõe uma restrição na forma de parâmetros, no sentido de que a propriedade de atração de um núcleo funcional, responsável por vários dos aspectos da variação de ordem de palavras, pode ser formulada como um diacrítico ou traço associado ao núcleo funcional. Um parâmetro lexical pode ter um impacto substancial na gramática de uma língua. Os autores defendem uma perspectiva microparamétrica de macroparâmetros, isto é, entendendo estes como agregados de configurações microparamétricas.

Por fim, uma última questão a ser destacada aqui, diz respeito à binariedade do valor paramétrico clássico que, empiricamente, não seria suficiente para explicar a variação linguística (*intra-* e *inter-*), sendo necessárias, portanto, abordagens mais refinadas⁹. Com vistas a esse refinamento, têm-se formulado propostas de hierarquias de parâmetros. Segundo Roberts e Holmberg (2005: 4): “cada posição na hierarquia está relacionada à próxima nos termos do Princípio de Subconjunto: a posição mais alta define a menor gramática, e cada posição imediatamente inferior representa um superconjunto em relação à imediatamente mais alta”.

Holmberg (2010: 6) assinala que, pressupondo uma árvore simétrica e com ramificação binária, em um processo de aquisição *top down*, “cada escolha reduzirá o número de escolhas a serem feitas pela metade”. Roberts e Holmberg (2010: 49)¹⁰, a partir de esquemas de parâmetros (Roberts e Roussou 2003; Gianollo *et al.* 2008), apresentam uma hierarquia associada a propriedades pro-drop¹¹.

Roberts (2019a), assumindo a existência de microparâmetros e macroparâmetros, bem como a possibilidade de hierarquias de parâmetros, propõe, com base em Biberauer e Roberts (2015), entre outros, a seguinte taxonomia de parâmetros¹²:

- *Macroparâmetros* definem propriedades tipológicas “brutas” (polissíntese, pro-drop radical, ordem de palavras harmônica, etc.), estão em todos os lugares no PLD, são (portanto) fortemente conservados ao longo do tempo e (portanto) se mantêm em gênero (Dryer 1992) ou nível taxonômico superior.
- *Mesoparâmetros* correspondem grosseiramente aos parâmetros tradicionais da GB (sujeitos nulos consistentes, movimento de verbo, etc.), são bem expressados no PLD, são (portanto) razoavelmente estáveis ao longo do tempo e (portanto) definem gêneros até extremos (induzidos por contato) (e.g. o inglês nas línguas germânicas).
- *Microparâmetros* definem eixos de variação frequentemente bastante locais (clíticos, determinantes, auxiliares, etc.), frequentemente dentro de famílias, dependem de aspectos sutis no PLD, são

⁹ Gianollo *et al.* (2008: 119), por exemplo, propõem um esquema de parâmetros, o qual seria disponibilizado pela GU e, conjuntamente com os dados linguísticos primários (PLD), produz os parâmetros que determinam os aspectos não universais da gramática de uma língua, como em (i) (Tradução nossa):

(i) a. Gramaticalização: F, um traço funcional, é gramaticalizado?; b. Checagem: F, um traço gramaticalizado, é checado por X, X uma categoria?; c. Propagação: F, um traço gramaticalizado, é propagado em Y, Y uma categoria?; d. Força: um traço F gramaticalizado é checado por X, forte? (atrai visivelmente X?); e. F, um traço gramaticalizado, é checado por uma categoria X?

¹⁰ Roberts e Holmberg (2010) seguem a linha de Gianollo *et al.* (2008) de que o esquema e o inventário de traços são fornecidos pela GU, e a aquisição ocorre em uma epigênese, na interação entre o que é fornecido pela GU e os dados. O esquema é como uma rede de opções, em que a opção mais encaixada representa uma mais específica e, portanto, mais marcada.

¹¹ Para uma ilustração do que é uma hierarquia de parâmetros, ver a figura 1, na subseção 3.1.2.

¹² Este resumo foi apresentado pelo autor em sua conferência “Domains and Parameters”, no *Workshop on Subject, Topic and Clausal Architecture*, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em novembro de 2019. (Tradução nossa).

(portanto) diacronicamente instáveis e (portanto) definem variação intra-família (e.g. clíticos nas línguas românicas, agrupamentos verbais nas línguas germânicas ocidentais).

- *Nanoparâmetros* são propriedades específicas lexicalmente irregulares, geralmente resíduos diacrônicos, armazenados fora do sistema se não altamente frequentes/acessíveis no PLD (e.g. alguns aspectos dos auxiliares no inglês).

Taxonomias assim, isto é, que incluem dimensões paramétricas intermediárias e/ou mínimas, têm suscitado novos horizontes para a pesquisa empírica e teórica, em uma abordagem minimalista do modelo de P&P, como veremos com base no PSN e nas LSNs.

2.2.2. O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)

O PSN tem sido um dos parâmetros mais discutidos na literatura. Muito das questões problematizadas na seção anterior tem como base empírica a ausência do aglomerado de propriedades elencado em sua formulação clássica, em uma vasta gama tipológica de línguas.

A observação de que certas línguas podem não expressar o sujeito pronominal em orações finitas e, neste caso, sem que haja um elemento nominal que realize visivelmente a função sintática de sujeito, já estava presente na Gramática Tradicional (do grego e latim)¹³. Na GG, várias constatações foram sendo feitas acerca de línguas que se diferenciavam quanto ao licenciamento ou não de sujeito nulo (e.g. italiano, espanhol vs. francês, inglês), bem como correlações entre a morfologia flexional verbal e a sintaxe dessas línguas, com diferentes implementações (Perlmutter 1971; Taraldsen 1978; Chomsky 1981; Rizzi 1982).

Perlmutter (1971) correlaciona, entre outros aspectos, a possibilidade de sujeito nulo e de extração do sujeito de uma encaixada encabeçada por um complementizador visível. Taraldsen (1978) atribui a possibilidade de extração em línguas de sujeito nulo a sua flexão de concordância “rica”, e propõe que línguas podem variar quanto às propriedades de governo da flexão verbal. A ideia, incorporada em vários trabalhos posteriores, é que, nessas línguas, INFL governa apropriadamente o NP sujeito e, assim, não há violação do Princípio da Categoria Vazia (ECP)¹⁴. Essas e outras correlações foram elencadas como um aglomerado de propriedades, o parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro pro-drop¹⁵). Chomsky (1981: 240) elenca as seguintes propriedades¹⁶:

- a. sujeito ausente
- b. inversão livre em orações simples
- c. “movimento longo” de sujeito
- d. pronomes resumptivos vazios na oração encaixada
- e. aparentes violações do filtro *[that-t]

¹³ Householder (1981: 25 *apud* Roberts e Holmberg 2010: 2) em referência à afirmação de Apolônio Díscolo sobre o grego antigo: “o nominativo [sujeito] está implicitamente presente nos verbos [finitos], e é definido (i.e. referência definida) na primeira e segunda pessoa, mas indefinido na terceira por causa do número ilimitado de referentes possíveis” (Tradução nossa).

¹⁴ O ECP é um princípio da GB que restringe a ocorrência de categorias vazias *e*: “[_{NP} *e*] deve ser localmente controlado” (Chomsky 1981: 248).

¹⁵ Como sinaliza d’Alessandro (2015: 203): “a escolha da terminologia está muito relacionada às pressuposições teóricas do pesquisador: se o autor não acredita em *pro*, por exemplo, ele nunca chamará uma língua de pro-drop” (Tradução nossa).

¹⁶ Chomsky (1981: 253) sugere que talvez apenas (i) e (ii) devam ser parte do aglomerado (*Cf.* Rizzi 1982).

As propriedades acima elencadas podem ser observadas nos dados do italiano em (1):

1. a. ho trovato il libro [Italiano]
("Achei o livro")
- b. ha mangiato Giovanni
("Giovanni comeu")
- c. l'uomo [che mi domando [chi abbia visto]]
(com a interpretação: "o homem *x* tal que eu me pergunto quem *x* viu")
- d. ecco la ragazza [che mi domando [chi crede [che possa VP]]]
("aqui está a menina que eu me pergunto quem acha que pode VP")
- e. chi credi [che partirà]
("quem você acha [(que) partirá]")

Rizzi (1982) propõe uma análise que relaciona a propriedade de violação do efeito *that-t* (em "e") à inversão (em "b"). Assumindo a proposta de Taraldsen (1978) –de que as línguas podem variar de acordo com as propriedades de governo de INFL–, o autor propõe que a propriedade característica de LSN é que sua flexão verbal tem propriedades pronominais (como clíticos). Sendo assim, INFL tem propriedades clíticas, interpretação pronominal –especificado com respeito a traços gramaticais de número e pessoa–, e deve absorver Caso nominativo. Além disso, distingue duas propriedades dentro do PSN, como no esquema a seguir (Rizzi 1982: 143):

2. a. INFL pode ser especificado [+pronome]
- b. INFL_[+pronome] pode ser referencial¹⁷

Em (4), "b" está relacionado à riqueza morfológica da flexão –é relevante para a interpretação, não para a boa formação de sujeito nulo–, e só pode ser encontrado em um subconjunto de casos em que "a" se aplica. O cruzamento dessas propriedades leva a quatro tipologias de línguas (em que 3 seria excluída): o tipo 1 representa o italiano (sujeito nulo); o tipo 4, o inglês (sujeito não-nulo); e o tipo 2, o dialeto Padua, falado no norte italiano (sujeito nulo expletivo e sujeito não-nulo referencial):

- | | | | | |
|-------|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. a. | + | + | - | - |
| b. | + | - | + | - |

No âmbito da discussão acerca da validade empírica e teórica do parâmetro, Gilligan (1987) realizou um estudo com 100 LSNs, de todas as famílias. Os resultados são considerados insatisfatórios para o autor, que encontra o que, para ele, são correlações pouco robustas para sustentar o PSN, a partir do trabalho de Rizzi (1982) (portanto, envolvendo sujeitos nulos expletivos, sujeitos nulos referenciais, inversão livre de sujeito e efeito *that-t*). Roberts e Holmberg, porém, questionam tais conclusões, entre outros motivos, porque

¹⁷ Isto é, funciona como pronome definido.

expandir o banco de dados de 10 para 100 línguas simplesmente multiplica o número de variáveis não controladas a um ponto em que, sem uma análise detalhada de um amplo leque de construções em um amplo leque de línguas, as correlações não podem mais ser discernidas.

Roberts e Holmberg (2010: 21) (Tradução nossa)

3. LÍNGUAS DE SUJEITO NULO (LSNs)

A observação de que a correlação entre a morfologia flexional “rica” e o sujeito nulo não poderia explicar outras LSNs levou a uma série de propostas. Como assinala Huang (1984), línguas como o chinês, japonês, coreano, embora não apresentem um sistema rico de concordância sujeito-verbo, permitem que o sujeito não seja expresso mais livremente do que aquelas que sim. Com base em estudos anteriores sobre essas línguas –que distinguem “línguas orientadas para o discurso” e “línguas orientadas para a oração”¹⁸–, o autor propõe a existência de dois tipos de parâmetros relacionados à distribuição e referência do “pronomes zero”: *tópico zero vs. tópico não-zero* (dimensão discursiva) e *pro-drop* e *não-pro-drop* (dimensão gramatical). Jaeggli e Safir (1989), com base na morfologia de línguas tipologicamente diferentes, problematizam a noção de “riqueza flexional” para a caracterização do sujeito nulo. Os autores propõem que sujeitos nulos são licenciados em línguas cujos paradigmas flexionais são morfologicamente uniformes, isto é, se apresentam só formas flexionais não derivadas ou só formas flexionais derivadas (divisíveis em *raiz+afixo* em todo o paradigma). Roberts e Holmberg (2010) distinguem quatro tipos de sujeito nulo, conforme apresentamos brevemente a seguir¹⁹:

- *Línguas de sujeito nulo consistente*: os dois traços diagnósticos são a possibilidade de deixar o pronome sujeito definido não expresso em qualquer combinação de número, em qualquer tempo, e a flexão de concordância rica no verbo. Exemplo: italiano, grego, turco.
- *Línguas de sujeito nulo expletivo*: também denominado *semi-pro-drop*, permitem sujeitos nulos expletivos, mas não referenciais. Exemplo: alemão, holandês, línguas africanas, algumas línguas crioulas.
- *Línguas de sujeito discursivo*: também denominado *pro-drop radical*, permitem sujeitos nulos bastante livremente, mas parecem não ter marcação de concordância de qualquer tipo. As características são a possibilidade de não-expressão/elipse de argumentos nominais em várias funções além do sujeito, e a ausência de marcação de concordância nos verbos. Exemplo: chinês, japonês, coreano, tailandês.
- *Línguas de sujeito nulo parcial*: línguas desse tipo não têm um comportamento uniforme entre elas, o que torna difícil defini-las. Especificamente, sobre o finlandês: somente 1/2p podem não ser livremente expressos em qualquer contexto finito, pronomes de 3p podem ser expressos sob certas condições e pronomes genéricos podem e devem ser nulos. Exemplo: finlandês, hebraico, russo, islandês, marati, português brasileiro.

¹⁸ As línguas orientadas para o discurso apresentam um aglomerado de propriedades tais como: regra de deleção de tópico NP que opera no discurso sob a identidade com um tópico em uma oração precedente; proeminência de tópico, em que sujeitos estruturais não são um requerimento básico da oração, e essas línguas não possuem elementos pleonásticos; e vinculação de uma anáfora discursivamente.

¹⁹ Roberts (2019a, b), com base em Roberts e Holmberg (2010), entre outros trabalhos, faz algumas implementações, conforme mostramos mais adiante (ver 3.1.2.).

Os estudos comparativos do espanhol e do português –como línguas e/ou dialetos–, têm revelado diferentes propriedades em seus sujeitos nulos, como veremos a seguir.

3.1. O espanhol e o português²⁰

Quando formulado, o PSN (clássico) teve como base empírica LSNs do tipo das línguas românicas, em comparação com línguas de sujeito não-nulo como o francês e o inglês, o que obviamente contemplava determinadas línguas e/ou dialetos (e.g. espanhol europeu, português europeu). Ao longo dos anos, vários estudos em sintaxe comparativa –diacrônica e sincrônica–, foram mostrando as diferenças, por exemplo, entre as variedades não caribenhas e caribenhas do espanhol (Toribio 2000; Ordóñez e Olarrea 2006; Camacho 2013), o português europeu e o português brasileiro (Barbosa *et al.* 2005), o que, para nós, pode ser visto sob uma dimensão “mesoparamétrica”. Mais recentemente, há uma propensão para o estudo em sintaxe comparativa dialetal (e.g. no espanhol riopratense *vs.* espanhol andino; no português brasileiro) (Sessarego e Ferreira 2016; Araújo 2018; Gutiérrez Bravo 2020), o que pode ser visto sob uma dimensão “microparamétrica”.

No que diz respeito ao sujeito nulo, mais especificamente, destacamos dois casos: o do PB e o do espanhol dominicano (ED). Ambas as línguas vêm exibindo mudanças nas propriedades de distribuição do sujeito nulo, motivo pelo qual não são consideradas LSNs/C, e sim LSNs/P (ou línguas de sujeito não-nulo/de sujeito visível, dependendo da perspectiva). No entanto, essas mudanças não são as mesmas (Camacho 2016; Kato e Ordóñez 2019). Quando se fala em “parcial”, não necessariamente os pesquisadores estão se referindo a um mesmo conceito. Isso pode fazer referência, por um lado, ao fato de que há uma mudança em curso no sentido [+sujeito nulo] para [-sujeito nulo] (Duarte 1993/2018a,b, 2019; Kato 1999, 2000), em que se assinala a gradativa tendência ao preenchimento pronominal da posição de sujeito; e por outro, a alguma(s) propriedade(s) mais especificamente (Holmberg *et al.* 2009; Saab 2016). O fato de que as ditas “LSNs/P” não apresentem propriedades uniformes entre elas é por si só uma questão para a pesquisa empírica e teórica²¹.

Sobre o PB, com base em análises de *corpora* (escrito e oral) minuciosas, Duarte (1993/2018a,b, 2019) mostra uma correlação entre a gramaticalização dos traços de pessoa (*a gente* e *você*, que competem com *nós* e *tu*), a redução do paradigma flexional verbal (de 6 para 3 terminações) e a tendência ao preenchimento pronominal da posição de sujeito referencial (com referente animado/não-animado) (6a), apesar da existência do sujeito nulo não-referencial (*pro* expletivo) (6b) e do sujeito nulo genérico/indefinido (*pro* arbitrário) (6c). A distribuição de sujeito nulo referencial, porém, se revela assimétrica, tendo em vista variáveis tais como as pessoas gramaticais (1/2p *vs.* 3p) (6d), o padrão estrutural da oração (sem *c*-comando) (6e), entre outras:

4. a. *Eu* não sei se *eu* vou conseguir numa sessão só. (Duarte 2018a: 98) [PB]
- b. *pro_{expl}* Parece que vai chover. (Kato 1999: 5)
- c. pra beber *pro_{arb}* tem que ter noção. (Duarte 2019: 117)

²⁰ Aqui não temos o objetivo de fazer uma comparação exaustiva quanto às propriedades de sujeito nulo em espanhol e português (línguas/dialetos), mas apontar as questões pertinentes para o objetivo deste trabalho. Para uma descrição e análise sintática comparativa, ver Kato e Ordóñez (2016), bem como outros trabalhos neste volume.

²¹ Para uma crítica específica à abordagem que tipifica o PB como LSNs/P, em comparação com línguas como o finlandês (Holmberg *et al.* 2009), ver Duarte (2018b).

- d. Quem sabe se *você* tomar umas pílulas de vitamina, Nilson, *você* não consegue o diploma. (Duarte 2018a: 97)
- e. Se *ele_i* tem medo, alguma coisa *ele_i* fez. (Duarte 2019: 112)

Uma das consequências dessa mudança, associada diretamente às propriedades do PSN, diz respeito à perda da inversão livre (7a), apesar da manutenção do complementizador “que” (do filtro *that-t*) (7b).

5. a. *Assinou o *João* uma carta. (Kato 2000: 101) [PB]
 b. Quem (que) você disse *que* pegou o livro?

Outra consequência que tem sido associada a essas mudanças tem a ver com o surgimento de certas construções, como aquelas com deslocamento clítico à esquerda de sujeito (8a) e tópicos-sujeitos (8b):

6. a. *Essa competência_i ela_i* é de natureza mental. (Kato 1999: 16) [PB]
 b. *Estas florestas* chovem muito. (Kato e Ordóñez 2019: 2)

Camacho (2016), comparando os efeitos da mudança no paradigma morfológico (pronominal, flexional e especificações lexicais da flexão) do PB e do ED, mostra que, embora este último também apresente uma tendência ao preenchimento pronominal do sujeito referencial com referente animado e não-animado (9a), e licencie certos tipos de construções como aquelas com deslocamento clítico à esquerda de sujeito (9b), diferentemente, pode exibir um expletivo visível “*ello*”²² (9c), pode não expressar o complementizador “que” (do filtro *that-t*) (9d) e não licencia sujeito nulo genérico/indefinido (9e):

7. a. A la cisterna mía ya no le falta agua. *Ella* tiene agua. (Toribio 2000: 320) [ED]
 b. *María_i, ella_i*, cocina muy bien. (Camacho 2016: 38)
 c. *Ello* había mucha gente en lay-a-way. (Toribio 2000: 321)
 d. ¿Quién dijiste cogió el libro? (Cabrera 2008: 8)
 e. * *pro_{arb}* Aquí vende mangos. (Camacho 2016: 32)

As mudanças ocorridas em línguas como o PB e o ED, as quais, independentemente da abordagem, já não são consideradas LSNs/C, podem ser capturadas em diferentes linhas de análise sobre o sujeito nulo no modelo de P&P/GB²³: (i) na linha de Rizzi (1986), há um pronome fonologicamente não realizado *pro* na posição de sujeito; e (ii) na linha de Borer (1986), não há um pronome e o sujeito nulo é expressado pela flexão de concordância verbal “rica”. No modelo de P&P/minimalista, o fato de que se postular *pro* não é teoricamente desejável levou a uma reinterpretação das linhas anteriormente mencionadas: (i) em uma linha (cartográfica) como a de Cardinaletti e Starke (1999), a posição de sujeito está presente em algumas línguas de sujeito nulo, a qual é preenchida por *pro*, um pronome fraco que ocupa uma

²² No entanto, vale ressaltar a existência de construções como “Chove-se muito aqui” no PB (Tania Lobo, em comentário pessoal). Além do mais, na interlíngua de falantes do PB aprendizes de espanhol/L₂ se observam construções tais como “Se hace frío aquí”, “Hay que tenerse en cuenta”, dados que podem evidenciar propriedades da gramática da L₁ na L₂, como efeito de influência *cross-linguística*.

²³ Cf. Kato (1999), Holmberg *et al.* (2009), Roberts e Holmberg (2010), Camacho (2013), Saab (2016), entre outros.

posição designada; e (ii) em uma linha como a de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998), a própria flexão verbal funciona como um pronome clítico.

Essas posições têm implicações em como se explica, por exemplo, a posição pré-verbal do sujeito –isto é, argumental ou deslocada à esquerda–, as quais podem ser sintetizadas por meio das seguintes perguntas (Ruas 2017): o EPP é um traço ou um requerimento de que uma posição Spec (TP ou CP) esteja preenchida?; o EPP é satisfeito pelo expletivo *pro* ou pelo movimento do verbo? Apenas um NP/DP (ou qualquer XP) satisfaz o EPP?; o sujeito se desloca para Spec, TP ou uma posição superior (como CP)? Spec, TP é projetado?; enfim, o movimento do sujeito é A ou A'?

3.1.2. Sistema-D(efinitude), traços- ϕ e *pro*

Conforme visto, o espanhol e o português (línguas/dialetos) apresentam variação mesoparamétrica ou microparamétrica. Há licenciamento de sujeitos nulos, mas não com as mesmas propriedades e distribuição. Aqui, para efeito de comparação e exemplificação, consideramos as variedades do espanhol que possam ser consideradas línguas de sujeito nulo consistente –E/SNC–, e o PB.

Roberts (2019b), com base em Roberts e Holmberg (2010), bem como vários outros trabalhos, propõe uma nova hierarquia de parâmetros para argumentos nulos (ver figura 1). Em sua tipologia –línguas de sujeito nulo consistente (LSNs/C), sujeito nulo parcial (LSNs/P) e de sujeito nulo radical (LSNs/R)–, correlaciona as propriedades dos sujeitos nulos diretamente ao sistema-D(efinitude), o que inclui os traços- ϕ (número-pessoa), mas com especial referência ao traço de Pessoa.

De acordo com o autor, LSNs/C e LSNs/P apresentam as seguintes características²⁴:

	<i>Línguas de Sujeito Nulo Consistente (LSNs/C)</i>	<i>Línguas de Sujeito Nulo Parcial (LSNs/P)</i>
<i>i.</i>	possibilidade de omissão do pronome sujeito em qualquer combinação de número-pessoa, em qualquer tempo;	restrições de pessoa na omissão de um pronome sujeito definido, em especial, 3p em contextos raízes;
<i>ii.</i>	flexão de concordância rica no verbo;	não necessariamente flexão de concordância rica no verbo;
<i>iii.</i>	interpretação definida de sujeitos nulos 3ps; sujeito nulo arbitrário (em uma oração finita) precisa de um marcador especial na 3ps;	interpretação indefinida de sujeitos nulos de 3ps sem a necessidade de um marcador especial;
<i>iv.</i>	conformidade com o aglomerado em Chomsky-Rizzi;	sem opção generalizada para “inversão livre”; portanto, geralmente, não apresentam conformidade com o aglomerado em Chomsky-Rizzi;
<i>v.</i>	realização visível do sujeito pronominal associada com diferenças interpretativas (e.g. contraste/ênfase).	realização visível do sujeito pronominal não associada com diferenças interpretativas.

Tabela 1. Diferenças entre Línguas de Sujeito Nulo Consistente e Línguas de Sujeito Nulo Parcial

Fonte: Roberts (2019b)

Entre as características apresentadas, chamamos a atenção para as diferenças em (i) e (iii)²⁵: LSNs/C licenciam a omissão do pronome sujeito com interpretação definida (não-arbitrária) na 3ps e precisam de um marcador para a interpretação indefinida (arbitrária), como em (8b); e

²⁴ Dados os nossos objetivos, deixamos de fora as LSNs/R.

²⁵ Sobre as diferenças em (ii), (iv) e (v), ver os dados em 3.1.

LSNs/P exibem sujeito nulo indefinido (arbitrário) na 3ps, sem a necessidade de um marcador, como em (9b):

8. a. Conozco a Juan. Vende helado en la playa. [E/SNC]
 b. Se/* pro_{arb} vende helado en la playa.
9. a. (Eu) conheço o João. Ele vende sorvete na praia. [PB]
 b. pro_{arb} Vende sorvete na praia.

A análise que o autor apresenta pode ser traçada em uma linha que captura as ideias de Rizzi (1982, 1986) –de concordância pronominal–, e Cardinaletti e Starke (1999) –de que *pro* é um pronome fraco (i.e. pode ser um expletivo, um arbitrário/impeçoal, ter referência não-animada e vincular). Além disso, *pro* é um DP (silencioso), com sua própria estrutura interna, e que não carrega traço de Caso. Em linhas gerais, o núcleo de sua análise gira em torno de se T finito tem um traço-D ou não²⁶:

10. Se uma categoria α tem $D_{[def]}$, então todos os traços- ϕ de α são especificados²⁷.

A concordância “rica” no PSN “Chomsky-Rizzi” é conectada à presença do traço-D em T. Em outras palavras, o sujeito nulo é como um clítico que se incorpora ao T finito. Um núcleo incorporado é um *alvo* defectivo, nos seguintes termos:

11. Alvos defectivos: um alvo A é defectivo em relação a uma sonda S se e somente se traços formais de A são (apropriadamente) incluídos naqueles de S.

Em LSNs/C, os traços formais dos sujeitos nulos (o que ele chama de *pro*) são incluídos naqueles de T finito. Considerando que esses traços são traços- ϕ e que T tem um traço-D (além dos seus traços intrínsecos T- e V-), nessas línguas, há incorporação, o que produz um elemento fonologicamente nulo na posição de sujeito. DPs lexicais (incluindo pronomes visíveis fortes) não se incorporam porque têm traços formais que T não tem, como Caso. Em línguas de sujeito não-nulo, T carece de traço-D e, portanto, a incorporação é bloqueada. O efeito sintático disso é que D deve ser materializado como um pronome visível. As diferenças podem ser vistas em (12):

12. a. $T_{[\phi, D]} \dots pro_{[\phi, D]}$ ²⁸ [LSNs/C]
 b. $T_{[\phi]} \dots pro_{[\phi, D]}$ [Não-nulo]

Em LSNs/P, *pro* carece pelo menos de um traço-D (i.e. pode ser um pronome mínimo), mas é capaz de se incorporar a T, pois este carece de um traço-D, como em (13):

13. $T_{[\phi]} \dots pro_{[\phi]}$ [LSNs/P]

²⁶ A estrutura interna do DP e a análise generalizada da tipologia de LSNs do autor podem ser vistas em (ia) e (ib), respectivamente:

(i) a. $[DP D_{[u\phi]} \dots [nEAP \ ^x [nEA [nCatP [nCat [Root ONE] nCat]]]]$ (p. 241)

b. $T_{[\pm F, G\pm]} \dots [DP D_{[\pm F, G\pm]} \dots [nP e]] \dots$ (p. 238)

²⁷ Especificado significa que traços formais relevantes são valorados e têm exponência morfológica, isto é, alguma forma de realização na PF.

²⁸ *pro* está em sua posição de Merge Externo em Spec, vP e, portanto, é assimetricamente c-comandado por T.

Como já foi dito, LSNs/P não exibem propriedades uniformes quando comparadas umas com as outras, mas diferem significativamente de LSNs/C. Seguindo ideias de Holmberg (2010) e Kratzer (2009)²⁹, Roberts (2019b) assinala que: (i) enquanto *pro* atua como um pronome definido normal em LSNs/C e, portanto, é um DP encabeçado por um D definido, em LSNs/P, é inerentemente indefinido. No entanto, tem traços- ϕ , pelo menos, número (podendo ter gênero, como no PB). T finito tem traços- ϕ em ambas; e (ii) enquanto *pro* em LSNs/P são inerentemente pronomes mínimos, em LSNs/C podem ter seus próprios traços- ϕ intrínsecos. Quando existentes, pronomes não-mínimos são sempre visíveis naquelas, porque, embora tenham traços-D, T não. Sendo assim, não há incorporação.

Falando mais especificamente sobre sujeitos nulos e Pessoa (3p e 1/2p) em LSNs/P, o autor assinala que: (i) *pro* é indefinido na 3p (carece de um traço-D definido) e, por isso, é um alvo defectivo em relação a T para fins de incorporação. Isso produz sujeitos nulos indefinidos (arbitrários), como em (9b). Também supõe que não exista traço Pessoa associado com *pro*, ou então, que o traço seja *default*, valorado como 3p; (ii) em contextos encaixados, *pro* de 3p pode se mover para Spec, TP e receber referência definida de um DP definido mais alto (possivelmente via C). Se algum outro XP satisfaz a restrição EPP, *pro* permanece em uma posição baixa dentro da oração encaixada (na posição de ME em Spec, vP) e não pode ter como antecedente um DP na oração principal. Neste caso, só a interpretação arbitrária está disponível; e (iii) por fim, sobre a restrição de pessoa, assume, que nessas línguas, como pronome mínimo, *pro* não tem os seus próprios traços de 1/2p e, portanto, precisa tomá-los do contexto sintático.

Com base em sua análise, Roberts (2019b: 296) formula a seguinte hierarquia de parâmetros:

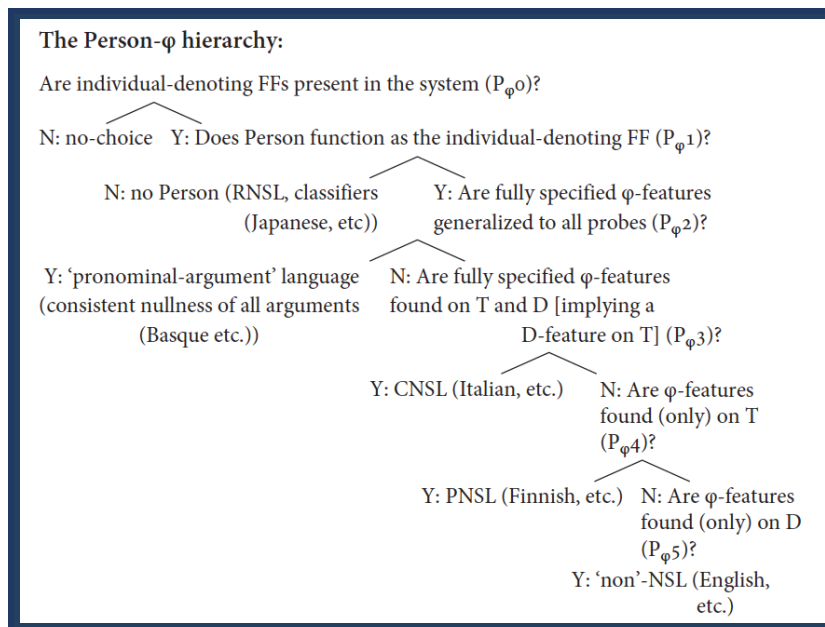


Figura 1: Hierarquia de parâmetros associados a propriedades pro-drop nas línguas (Roberts 2019b)

²⁹ No que diz respeito à distinção entre pronomes mínimos –cuja interpretação semântica e forma morfofonológica são determinadas por seus vinculadores em configurações locais–, e pronomes referenciais.

Como podemos observar, a hierarquia tem no topo a dimensão macroparamétrica de propriedades pro-drop (argumento nulo), capturada pelo traço de Pessoa, depois, as dimensões mesoparamétrica e microparamétrica, capturadas pela especificação de traços- ϕ , em função de uma relação sonda-alvo (defectiva ou não) entre os núcleos funcionais T e D.

4. SLA/GEN: PRIMITIVOS E REPRESENTAÇÃO

4.1. Parâmetros

Como mencionado na introdução, SLA/Gen se desenvolveu na esteira do modelo de P&P nos anos 80³⁰, com o objetivo de investigar o que foi denominado Problema Lógico da Aquisição de L₂ (White 2003). Investigar a refixação ou reconfiguração de um parâmetro conferiria evidência ou contra-evidência para a hipótese de atuação da GU. Muitos dos estudos realizados envolveram o PSN, tanto de LSN_{S_{L1}} para não-LSN_{S_{L2}} (e.g. do espanhol para o inglês), quanto de não-LSN_{S_{L1}} para LSN_{S_{L2}} (e.g. do inglês para o espanhol). Os estudos realizados mostravam assimetria quanto à aquisição das propriedades supostamente envolvidas –sujeito nulo vs. sujeito preenchido, SV vs. VS e *that-t*– e à direcionalidade sujeito nulo_{L1} > sujeito não-nulo_{L2} vs. sujeito não-nulo_{L1} > sujeito-nulo_{L2}. Os resultados levaram, pelo menos, a duas linhas de análise: uma de reconfiguração e uma de não-reconfiguração, em que haveria uma reestruturação ou reanálise inconsciente e equivocada por parte do aprendiz (White 1985; Licerias 1989; Smith e Tsimpli 1995; Tsimpli e Roussou 1991, entre outros).

4.2. Traços, núcleos funcionais e morfologia flexional (in)visível

A partir dos anos 90, os primitivos passaram a ser os traços mais especificamente (Licerias *et al.* 2008)³¹. As perguntas de investigação tinham a ver com a adquiribilidade dos diferentes tipos de traços (e.g. interpretável vs. não-interpretável) e sua possível relação com fatores maturacionais (i.e. hipótese do período crítico). Valenzuela (2008: 541) as divide em hipóteses de “prejuízo” e de “não-prejuízo”, no que diz respeito a uma “falha” representacional ou não. De acordo com as primeiras, novas projeções funcionais, traços funcionais e/ou suas especificações não são adquiríveis após o período crítico (Tsimpli e Roussou 1991; Smith e Tsimpli 1995; Hawkins e Chan 1997; entre outros). De acordo com as segundas, categorias funcionais, traços funcionais e/ou suas especificações são adquiríveis na aquisição adulta de L₂ (Schwartz e Sprouse 1996; Lardiere 2000; White 2008; entre outros). Algumas das hipóteses que seguem a primeira linha são: *Hipótese de Não Reconfiguração Paramétrica*, *Hipótese dos Traços Funcionais Falhos*, *Hipótese da Interpretabilidade de Traços*. Algumas das hipóteses que seguem a segunda linha (mas com diferenças significativas) são: *Transferência Total/Acesso Total*, *Hipótese de Flexão Visível Ausente* e *Hipótese de Transferência Prosódica*.

³⁰ Aqui não temos o objetivo de fazer uma revisão da literatura. Para uma breve revisão, em português, ver Ruas (2018).

³¹ Adger e Svenonius (2011: 8) assinalam: “um traço pode ser interpretável ou não-interpretável, valorado ou não valorado, e fraco ou forte. A primeira propriedade é usada para estabelecer dependências sintáticas (essencialmente concordância sem movimento), o segundo para capturar a categoria morfológica particular associada com concordância, e a terceira para assegurar a localidade entre os dois traços (i.e. engatilhar movimento). A distinção entre as duas primeiras propriedades é mantida porque traços de caso são considerados não-interpretáveis mesmo quando eles têm um valor” (Tradução nossa).

Outra hipótese recentemente bastante investigada é a *Hipótese da Interface*, segundo a qual a dificuldade e a opcionalidade são decorrentes de fenômenos que envolvem a interface da sintaxe com outros domínios (Sorace 2011)³².

4.3. O (re)arranjoamento de gramáticas não-monolíngues

Em SLA/Gen, o (re)arranjoamento de gramáticas não-monolíngues (i.e. conhecido como interlíngua) tem sido capturado pela ideia de refixação, reconfiguração, remontagem ou acomodação, de parâmetros, traços ou regras, dependendo da linha de análise.

Lardiere (2008: 108) assinala que a ideia de reconfiguração paramétrica pressupõe uma mudança “tudo ou nada” e, portanto, a variabilidade não é prevista, já que a presença ou ausência de uma propriedade gramatical “deveria ser amarrada ao valor [\pm] de um parâmetro particular. Por outro lado, a pertinência da variabilidade não pode necessariamente ser tida como um parâmetro que não foi configurado”. A principal dificuldade do aprendiz teria a ver com a remontagem (do inglês, *reassembly*) de traços. A competência morfológica incluiria: conhecimento de que formas devem ser materializadas com quais traços; quais fatores condicionam e são de natureza fonológica, morfossintática ou discursiva; quais são as formas opcionais ou obrigatórias, e o que constitui um contexto obrigatório; e em que domínios os vários traços são manifestados e agrupados em combinação com que outros traços.

Além disso, postular a mudança linguística em termos de reconfiguração é, para alguns, problemático. Uma vez que o aprendiz tenha reconfigurado o parâmetro, não deveria haver variabilidade ou opcionalidade. Como a variabilidade ou opcionalidade –dependendo da perspectiva (Tsimpli 2006)–, não pode ser explicada em um modelo de representação que prevê a reconfiguração, costuma ser atribuída a questões de desempenho ou processamento. Também seria um problema explicar a assimetria verificada na compreensão e na produção de aprendizes. Se o aprendiz reconfigurou uma propriedade, não deveria haver diferenças em função do tipo de tarefa. Igualmente, seria um problema explicar as evidências sobre influência bidirecional – $L_1 > L_2$, $L_2 > L_1$ – atrito e *code-switching*.

Amaral e Roeper (2014a) defendem que, em vez de reconfiguração, no sentido de substituição ou subtração de propriedades, o papel do aprendiz é acomodar regras aparentemente contraditórias em (sub)gramáticas, tal como o papel da criança na aquisição de L_1 . Os autores argumentam que, assim como evidenciam os fatos sobre os processos de mudança linguística, em que os falantes têm uma representação mista de gramáticas (e.g. V2 residual em inglês), a criança lida com um *input* contraditório no processo de aquisição: ela começa a desenvolver gramáticas múltiplas e, com base nas pistas linguísticas, deve descobrir quais das (sub)gramáticas são produtivas e quais são lexicalmente motivadas e idiossincráticas³³. O aprendiz tem uma tarefa adicional: classificar as (sub)gramáticas de acordo com as línguas – L_1 e L_2 .

³² A discussão em Ruas (2017) sugere que, embora determinado fenômeno seja relevante na interface sintaxe-discurso (i.e. um fenômeno de interface sintaxe-discurso), não significa que o *locus* do problema seja decorrente de propriedades discursivas. No caso da aquisição de foco estreito de sujeito (não-contrastivo) do espanhol mexicano/ L_2 por falantes adultos do PB/ L_1 , os dados evidenciam que o *locus* do problema está relacionado às propriedades lexicais/formais –[3p, acusativa] e EPP. O efeito sintático visível disso (i.e. a externalização) parece ser melhor capturado como um conflito que envolve ME e MI, mas discursivamente, o aprendiz pode compreender a posição pós-verbal final de sujeito (v. nota 52).

³³ Segundo Amaral e Roeper (2014b: 98), “produtividade é marcada sobre uma regra quando reflete categorias abstratas...isso emerge na mudança de um item lexical para uma classe lexical, ou criticamente para uma classe de sintagma (VP ou NP, por exemplo)”.

Por exemplo, o *status* das propriedades de sujeito: em espanhol, é produtivamente nulo, mas contextualmente preenchido; e em inglês, produtivamente preenchido, mas lexicalmente nulo (e.g. “Looks good”, “Raining, isn’t it?”). De acordo com os autores, o modelo, além de não ser um problema para a questão da opcionalidade e a assimetria produção/compreensão, por exemplo, seria compatível com certos modelos de desempenho/processamento (e.g. *Modular On-line Growth and Use of Language – MOGUL*³⁴). Também assinalam a vantagem de pensar as (sub)gramáticas em um mecanismo de representação único³⁵ –em detrimento da hipótese separatista–, pois isso permitiria explicar os fatos sobre influência bidirecional, atrito e *code-switching*³⁶.

Os autores argumentam que o modelo segue o espírito minimalista de que as regras sejam simples (i.e. independentes), em vez de uma regra complexa, com exceções (i.e. opcionalidade), com a vantagem de permitir localizar o que o aprendiz precisa adquirir/acomodar especificamente. Contudo, algumas questões foram levantadas. Lardiere (2014) problematiza o *status* de uma regra: as mesmas regras existem *cross*-linguisticamente, diferenciando-se apenas pelo grau de produtividade?³⁷. Discutindo a relação entre o efeito V2 (produtivo *vs.* residual) e a inversão citativa no alemão e no inglês, a autora questiona se esta última é realmente uma versão lexicalmente limitada da mesmíssima regra V2 do alemão.

Além disso, apresenta os resultados de um estudo feito com falantes de coreano, relacionados a propriedades pro-drop, tendo em vista os traços de pessoa, animacidade e definitude. Cada traço teve um efeito estatisticamente significativo: mais omissão com sujeitos de 3p (*vs.* 1/2p), [+animado] (*vs.* [-animado]) e [+definido] (*vs.* [-definido]). Para ela, seria necessário considerar como o aprendiz formula regras em condição de co-ocorrência que interagem.

Liceras (2014) problematiza a necessidade de se determinar mais especificamente o que é de fato adicionado às (sub)gramáticas, isto é, se o resultado é uma gramática com os mesmos traços do *input* da L₂. A autora discute os resultados do experimento aplicado pelos autores a falantes de inglês aprendizes de espanhol como L₂, envolvendo produção e compreensão da OPC (*Overt Pronoun Constraint*) (Montalbetti 1984), em sentenças como (14):

14. Nadie_i dijo que *él_i/pro_i ganará el premio.

Os aprendizes respeitaram a restrição muito mais na produção que na compreensão. Liceras questiona, porém, se a representação dos sujeitos nulos e visíveis é a mesma da L₁. Além do mais, como a ilustração dos autores contemplam duas configurações, questiona como essas propriedades dariam conta das propriedades de sujeito observadas em línguas como o finlandês, hebraico, ED e PB³⁸ e sugere que as opções “lexical” e “contextual” sejam definidas em termos de traços.

Como assinalam Amaral e Roeper (2014b: 98; 105), o modelo MG é influenciado pela noção de parâmetros no sentido de não negar a possibilidade de que certas propriedades possam engatilhar generalizações gramaticais disponíveis na GU”, mas sem implicação com a noção

³⁴ Cf. Truscott e Sharwood Smith (2004).

³⁵ Cf. Kroll *et al.* (2014).

³⁶ Cf. López (2020).

³⁷ Essa seria uma questão talvez ainda mais complexa no caso do português, já que, como mostram os estudos em sintaxe diacrônica, tem em sua história padrões de uma gramática V2, mas também de inversão românica/estilística, além de ter uma inversão inacusativa (gramaticalmente licenciada). Qual seria a “fonte” em um tipo de inversão lexicalmente licenciada?

³⁸ Vale ressaltar que a autora faz menção à distribuição de pronomes fracos e fortes de 3ps no ED e PB.

clássica de parâmetros. Além disso, também assinalam que o modelo “prediz potencialmente uma massiva proliferação de regras com consequências empiricamente não plausíveis”, e que é necessário um mecanismo para restringir isso.

Tendo em vista a discussão acerca dos primitivos no modelo P&P/minimalista, bem como o problema da representação de gramáticas não-monolíngues, pensamos que a taxonomia e a hierarquia formuladas por Roberts (2019a,b) podem ser incorporadas, com vistas a viabilizar a implementação de um modelo preditivo e falseável a MG, no tocante às questões anteriormente apresentadas: o *status* das regras, a interação entre elas, as diferentes configurações de uma regra (propriedades e distribuição de sujeito nulo em diferentes LSNs, por exemplo) e a restrição de (sub)gramáticas.

5. NOSSA PROPOSTA

Nesta seção, procuramos desenvolver como os modelos de Amaral e Roeper (2014a, b) e Roberts (2019a,b) podem ser explorados em SLA/Gen, sem que se percam de vista a restrição e a variabilidade. De antemão, destacamos dois pontos norteadores: o primeiro é que ambos nos oferecem a possibilidade de mapear propriedades esquematicamente; e o segundo é que essas propriedades podem ser mapeadas na lógica de (sub)conjuntos. No entanto, esses modelos se distinguem consideravelmente no que diz respeito ao tratamento dispensado aos primitivos teóricos. Em consonância com os comentários de Lardiere (2014) e Licerias (2014) a Amaral e Roeper (2014a), argumentamos que as propriedades *pf* devem ser mapeadas em termos de traços. Quanto à hierarquia, há um cenário para a investigação da direcionalidade da aquisição de propriedades *pf* em pares linguísticos *espanhol-português* (e.g. L/SNC_{L1}-L/SNP_{L2} vs. L/SNP_{L1}-L/SNC_{L2}) em relação a mesoparâmetros e microparâmetros, devido a que estes são superconjuntos em relação àqueles.

5.1. Uma breve digressão

Uma das contribuições de SLA/Gen para os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras/segundas línguas a partir dos anos 80 foi averiguar evidências de atuação da GU no processo de aquisição de L₂, isto é, se a GU também restringiria o espaço de hipóteses da interlíngua. Se sim, independentemente de seu estágio, a interlíngua nunca estaria representada de maneira a violar um princípio da GU, como, por exemplo, os Princípios B e C, da Teoria de Ligação, em “Él_i dijo que Juan_i viene a clase” (*ele = João). O fato de que a gramática da interlíngua do aprendiz quanto a alguma propriedade seja uma tal que não corresponda nem à da L₁ nem à da L₂, mas à de alguma língua natural, por um lado, e de que em nenhum estágio se observe uma gramática impossível nas línguas naturais, por outro lado, foi colocado como argumentos favoráveis à hipótese de acesso à GU. O parâmetro, obviamente, estaria sujeito à variação. A gramática da interlíngua do falante do PB aprendiz de espanhol como L₂, por exemplo, em algum estágio, pode vincular o referente e o pronome expresso e/ou nulo em “Juan_i dijo que él_i/pro_i viene a clase” (él = Juan)³⁹. O primeiro caso constitui evidência da restrição e, o segundo, da variabilidade.

³⁹ Devido às propriedades das variedades de espanhol que podem ser consideradas LSNs/C, o esperado é que o falante nativo faça essa vinculação com o pronome nulo. O pronome expresso teria um efeito discursivo enfático

Durante anos, a maneira de abordar o processo de aquisição da L_2 quanto à mudança linguística na mente do aprendiz –o que denominamos (re)arranjo–, foi a de que o aprendiz deveria refixar ou reconfigurar o valor paramétrico da L_1 para a L_2 . Supostamente falando, considerando o exemplo dado, esse processo seria formulado no sentido de que o falante de PB aprendiz de espanhol como L_2 –entenda-se aqui E/SNC–, teria de reconfigurar o valor [-sujeito nulo] (i.e. referencial) para [+sujeito nulo] para alcançar a gramática da língua-alvo. Em termos minimalistas, isso teria de ser formulado no sentido de como o traço EPP (i.e. traço-D forte de T, traço de borda/especificador ou etiqueta de T) seria satisfeito (ver 2.1.), o que, dada a BCC, necessariamente, estaria relacionado às propriedades lexicais das gramáticas da L_1 e da L_2 . O aprendiz teria de reconfigurar os valores de sua gramática de concordância verbal para que o traço EPP pudesse ser satisfeito sem a presença de um DP visível em Spec, TP (mas ver o final de 3.1. e 3.1.2.).

Tal abordagem, entretanto, seria no mínimo problemática, porque não daria conta dos fatos empíricos sobre a gramática do PB que, por si só, é complexa quanto às propriedades e à distribuição de sujeitos nulos devido ao processo de variação e mudança. O fato de o falante preencher produtivamente a posição de sujeito pronominal não significa que a sua gramática seja [-sujeito nulo], mas também não é [+sujeito nulo]. E mais, essa assimetria envolve algumas variáveis lexicais e contextuais (ver 3.1.). Além dos problemas já discutidos (ver 4.3.), a concepção de refixação/reconfiguração paramétrica –em que, binária e unilateralmente, uma $p_f\alpha'$ “se transforma” em uma $p_f\alpha$ –, é especialmente delicada, sobretudo quando se trata de gramáticas tão assimétricas, como aquelas que envolvem pares PB-E/SNP. Neste sentido, um modelo como MG, que nos ofereça a possibilidade de mapear propriedades p_f , é evidentemente bem-vindo. O problema é que, do nosso ponto de vista, conceber (sub)gramáticas em termos de regras pode nos dizer muito pouco sobre as gramáticas das línguas envolvidas –precisamente, sobre o conteúdo das (sub)gramáticas e as interações *entre*– e *intra*–, porque, tal como formuladas pelos autores, elas não têm dimensões “micro”.

5.2. Exemplificando

5.2.1. Dimensões “(não)micro”

Como apresentado (ver 2.2.1.), o debate entre “regras” e “parâmetros” tem duas facetas: uma teórica e uma empírica. A defesa de regras, teoricamente, está relacionada à questão de não haver espaço para parâmetros em uma abordagem minimalista, porque já não há princípios parametrizáveis (e.g. Merge); empiricamente, à questão da ausência do “efeito cascata” *cross-linguisticamente*. A defesa de parâmetros, teoricamente, está respaldada na interação de fatores na FL; empiricamente, em efeitos que podem ter uma dimensão “macro” ou “micro” *cross-linguisticamente*, neste caso, devido às diferenças nos traços de itens particulares (e.g. os núcleos funcionais) no Léxico (i.e. a BCC). Empiricamente, também há divergências quanto à compreensão dos fatos sobre o desenvolvimento linguístico da criança: esta adquiriria regras

ou contrastivo e estaria acentuado. No entanto, Lawall e Ruas (2018), ao aplicarem um experimento de leitura automonitorada a falantes de espanhol mexicano/ L_1 -PB/língua de herança (entre 7 a 14 anos) na Cidade do México, observaram um efeito estatístico significativo na vinculação intrassentencial com o pronome expresso. Tendo em vista evidências dos dados dos falantes nativos adultos também (entre 18 a 30 anos), os resultados podem evidenciar uma mudança em curso. Se assim for, não seriam estranhos outros aspectos da gramática do espanhol do México (zona central), como, por exemplo, restrições para a inversão VS quando a posição pré-verbal não está preenchida com um XP (Cf. Gutiérrez Bravo 2020, neste volume). Neste sentido, também vale registrar um dado coletado em situação espontânea durante uma visita a Chiapas: “Antes de Pakal, gobernó las mujeres”.

não necessariamente implicadas já que, nesta perspectiva, passa por estágios e o processo não seria de fato tão rápido, ou parâmetros, em alguma dimensão, já que nesta perspectiva, independentemente dos estágios, há uma uniformidade no processo que parece estar associada às suas dimensões (e.g. aquisição de macroparâmetros vs. aquisição de microparâmetros)⁴⁰.

Em SLA/Gen, a crítica em torno do parâmetro como primitivo válido ou não, ao menos até onde vai o nosso conhecimento, parece ter sempre como base uma concepção clássica, portanto, em uma dimensão “macro”, tipológica, em que se pressupõe o “efeito cascata” previsto nos anos 80. Muito do que se fez a partir dos anos 90 deve ser equiparado a dimensões “micro”, devido à BCC. Para melhor elucidar os problemas levantados, fazemos o uso de “não-micro” e “micro” –por enquanto, sem implicação com alguma noção paramétrica (ver 5.2.2.)–, com base no objeto de estudo de Ruas (2013).

Ruas (2013) investigou o processo de aquisição de interrogativas QU- do espanhol por falantes adultos do PB⁴¹. Assumindo que C tem traço Q- [forte] (i.e. relacionado ao movimento do verbo) em espanhol⁴², e Q- [fraco] no PB, a autora investigou se os aprendizes reconfigurariam o valor do traço, o que seria evidenciado pelo deslocamento do verbo, gerando a ordem QU-VS (i.e. inversão verbo-sujeito), como na gramática da língua-alvo.

A ordem de palavras nas interrogativas QU- (matrizes) do PB é descrita como QU-SV (15a), tendo em vista as restrições para a inversão⁴³. No entanto, a inversão em (16b) e (17b) também é gramatical:

- | | |
|--|------|
| 15. a. O que o João <i>disse</i> ? | (SV) |
| b. *O que <i>disse</i> o João? ⁴⁴ | (VS) |
| 16. a. Onde as crianças <i>dormem</i> ? | (SV) |
| b. Onde <i>dormem</i> as crianças? | (VS) |
| 17. a. O que os especialistas <i>dizem</i> ? | (SV) |
| b. O que <i>dizem</i> os especialistas? | (VS) |

Sobre o espanhol, nas variedades não caribenhas, há inversão VS (18a). A não-inversão SV está restringida ao tipo da palavra interrogativa QU- (19b) (i.e. de adjunto como “por qué” ou complexa como “en qué medida...”):

- | | |
|-------------------------------|------|
| 18. a. ¿Qué <i>dijo</i> Juan? | (VS) |
| b. *¿Qué Juan <i>dijo</i> ? | (SV) |

⁴⁰ Cf. Roberts (2019b), Tsimpli (2014) e Domínguez (2014).

⁴¹ A autora não especifica uma variedade. O trabalho foi realizado com aprendizes no Brasil. Muito do que o aluno recebe é mais característico de variedades não caribenhas por meio de mídias e materiais pedagógicos veiculados por certos mercados editoriais. É comum que professores e alunos sequer saibam sobre as diferenças sintáticas aqui apresentadas, o que é evidenciado em gramáticas *PB/L₁ espanhol/L₂ QU-SV*, um belo exemplo de “portunhol”. É importante destacar que essas questões não costumam ser abordadas em contexto de instrução formal, nem em livros didáticos.

⁴² Há um extenso debate na literatura acerca da natureza do movimento do verbo em espanhol V a T ou V a C (Cf. Torrego 1984; Suñer 1994). Sobre uma proposta de movimento remanescente de IP, com base nas evidências do espanhol caribenho, ver Ordóñez e Olarrea (2006).

⁴³ Cf. Duarte (1992).

⁴⁴ A agramaticalidade em (17b) é com base no julgamento da autora, falante do Rio de Janeiro. Ao consultar alguns falantes de Salvador, a inversão é aceitável, mas é necessário atentar para o fato de que a autora usa o determinante (“o João”), e esses informantes não (“João”), um aspecto a ser investigado.

19. a. ¿Por qué Juan no *vino* a clase? (SV)
 b. ¿Por qué no *vino* Juan a clase? (VS)

Segundo Gallego (2006: 48), mesmo quando não há inversão com algumas palavras interrogativas, há implicação semântica, como no caso de perguntas retóricas:

20. a. a ver: ¿Cuándo Juan *ha dicho* eso? (SV)
 b. a ver: ¿Dónde Juan *es capaz* de hacer esas cosas? (SV)

Já nas variedades caribenhas, os resultados apresentados por Ordóñez e Olarrea (2006: 60; 72) evidenciam que a ordem SV é licenciada com pronomes sujeitos fracos, especialmente, de segunda pessoa “tú” (21a), e também com palavras interrogativas QU- complexas/D-linked (21b). Com DPs lexicais, a ordem preferida é VS (21c):

21. a. ¿Qué tú *comes*? (SV)
 b. ¿Cuál de esos dos carros el novio...*ha comprado*? (SV)
 c. *?¿Qué tu hermano *quería*? (SV)

Desconsiderando toda a discussão e complexidade acerca do *locus* de pouso do verbo nas interrogativas QU- do espanhol (não caribenho e caribenho), e considerando, portanto, a hipótese de movimento V a C para a checagem do traço Q- [forte] de C adotada em Ruas (2013), lidamos com a seguinte dificuldade: tanto as variedades do espanhol quanto o PB apresentam em sua sintaxe visível configurações *QU-VS* e *QU-SV*, mas de maneira assimétrica. Parecem concorrer para essa assimetria a interface sintaxe-léxico (e.g. a estrutura argumental, a palavra interrogativa QU-), a interface sintaxe-semântica (discurso) (e.g. pergunta retórica), a interface sintaxe-morfologia (e.g. pronomes sujeitos fracos “tú” vs. pronomes sujeitos fortes “tú”). As configurações *QU-VS* e *QU-SV* nessas línguas resultam de conjuntos de propriedades distintos que a abordagem de reconfiguração de um valor para outro não captura⁴⁵.

É necessário ter em vista os diferentes níveis de análise mencionados nas gramáticas envolvidas, ou seja, mapear as propriedades para saber o que de fato precisa ser “remontado” ou “acomodado” –nos termos de Lardiere (2008) e Amaral e Roeper (2014), respectivamente–, mas com uma diferença básica: a proposta de Lardiere (2008) parte de uma dimensão “micro”, enquanto a de Amaral e Roeper (2014), de uma dimensão “não-micro” (e.g. regra V2).

Seguindo a linha de raciocínio de Amaral e Roeper (2014) –que nos interessa discutir mais especificamente–, uma possível maneira de abordar a questão da inversão seria considerar que há uma *REGRA DE INVERSÃO -VS-* atuante na gramática da (i) L₁ e da (ii) L₂ (espanhol não-caribenho) / (ii') L₂ (espanhol-caribenho), com o seguinte *status*: em (i), lexical e contextualmente não-produtiva; e em (ii) / (ii'), lexical e contextualmente produtiva. A predição seria no sentido de que se o aprendiz acomoda VS_{L2} ao que já tem –VS_{L1}–, ele pode produzir inversão produtivamente. Porém, ele pode selecionar ou não. Por quê?

Pontualmente falando, vamos supor que -VS- nas línguas seja licenciada por distintas (sub)gramáticas: V2, inversão românica/estilística, inversão inacusativa, inversão locativa etc. Produtiva ou não-produtivamente, por aspectos lexicais ou contextuais, elas podem exibir configurações *XP-V* (e.g. SV(O)). Essa é uma questão de suma relevância em aquisição da

⁴⁵ Embora seja relevante, deixamos de fora os dados com complementizadores visíveis (e. g. “O que (é) que...”).

linguagem. Por exemplo, um extenso e controverso debate sobre a aquisição de V2 diz respeito a se de fato se trata de um parâmetro rapidamente adquirido. Há quem considere que uma configuração $XP-V$ é evidência de configuração paramétrica V2, e há quem considere que a evidência consiste em construções em que objeto ocupe a primeira posição⁴⁶.

O que queremos assinalar é que assumir regras em dimensões “não-micro” como uma *REGRA DE INVERSÃO -VS-* é relevante do ponto de vista do aprendiz, que, ao estar exposto a configurações $XP-VS$, tem de definir o *status* disso em (sub)gramáticas (e.g. V2, inversão românica/estilística, inversão inacusativa, inversão locativa etc.); e mais, em um sentido “micro”, *entre-* e *intra-* (sub)gramáticas. Do ponto de vista do investigador, essas dimensões deveriam ser mapeadas em conjuntos de propriedades $p_{f\alpha}$ (i.e. definidas em termos de traços). Se não for assim, podemos não capturar o que, segundo os autores, é uma vantagem do modelo MG: localizar especificamente o que o aprendiz deve acomodar em termos de regras que devem ser simples.

Esquemáticamente, podemos representar a ideia em termos de conjunto, de maneira que o conjunto de regras VS tal que $XP-VS = \text{sequência gramatical } VS = \{VS, VS', VS'', VS'''\}$. As línguas naturais apresentam um conjunto C_{prf} tal que $\sum_{(somatório)} = \text{língua-I } C_{prf} = \{\omega, \beta, \delta, \eta, \gamma, \lambda, \mu, \dots\}$. Seja $VS' = \{\omega, \delta, \lambda\}$ e $VS'' = \{\omega, \eta, \gamma, \mu\}$, $VS' \cap VS'' = \{\omega\}$. Supondo que VS' corresponda a L_1 e VS'' corresponda a L_2 , a gramática do aprendiz comporta $p_{f\alpha}$ na L_1 e na L_2 , e deve acomodar $p_{f\mu}$, de maneira que $VS' \cup VS'' = \{\omega, \delta, \eta, \gamma, \lambda, \mu\}$. O que defendemos mais acima é que essas propriedades sejam especificadas em termos de traços.

Segundo os autores Amaral e Roeper (2014b: 98), o aprendiz pode lidar com uma regra⁴⁷: (i) atribuindo um estado produtivo para uma determinada regra (i.e. uma regra geral); (ii) atribuindo um estado menos produtivo e estabelecendo um subconjunto de itens lexicais para o qual a regra licenciaria determinadas construções; e (iii) não atribuindo uma regra aos itens lexicais em dada língua. Supondo que $p_{f\alpha}$ é um traço EPP (i.e. traço de borda) e $p_{f\mu}$ um traço [uFoc] que desencadeia MI (i.e. reintrodução de um objeto já formado), a maneira de saber como o aprendiz está lidando com a regra VS para uma configuração $XP_{EPP[uFoc]}-VS$ é, por exemplo, observando se: (i) está selecionando $p_{fEPP[uFoc]}$ independentemente do tipo de verbo (e.g. bitransitivo, transitivo, inergativo, inacusativo) e do item lexical (e.g. não distingue assimetrias nesses subconjuntos); (ii) está selecionando $p_{fEPP[uFoc]}$ apenas para alguns tipos de verbos (e.g. bitransitivo, transitivo e inergativo); e (iii) não está selecionando $p_{fEPP[uFoc]}$.

5.2.2. Regras e parâmetros

Se este é um tema controverso na aquisição de L_1 –segundo a argumentação de Newmeyer (2004) e Boeckx (2014)–, é muito mais na L_2 ⁴⁸. Do nosso ponto de vista, o fato relevante é que, mesmo se tratando de L_2 , devemos esperar restrições (i.e. limites) à variabilidade, seguindo a argumentação de Roberts e Holmberg (2005) e Holmberg (2010) (ver 2.2.1). Um dos argumentos basilares no programa biolinguístico de investigação no que diz respeito ao Problema de Platão é a Pobreza de Estímulo⁴⁹: há uma uniformidade nos resultados do

⁴⁶ Cf. Wexler (1998), Yang (2002).

⁴⁷ Notar que como o aprendiz lida com a regra implica em observar como ele a compreende, produz e processa.

⁴⁸ Devido à hipótese do Período Crítico e às questões relacionadas aos mecanismos gerais de aprendizagem.

⁴⁹ A Pobreza de Estímulo foi mais recentemente pensada como uma propriedade universal de crescimento/desenvolvimento (do inglês, *growth*) –isto é, não apenas no que diz respeito à linguagem. O componente genético, que capacita para Merge (i.e. a GU), bem como princípios de eficiência computacional (i.e. procura mínima), atuariam, assim, para impor restrições no processo de aquisição da linguagem (Chomsky 2012).

desenvolvimento linguístico da criança apesar das limitações do *input*, como, por exemplo, o fato de que os dados do *input* são variáveis. Por hipótese, a cognição humana estaria programada para compreender e produzir sentenças em que a distância entre os elementos não é medida pela ordem linear das palavras (i.e. o que está mais perto linearmente), mas pela estrutura de dependência sintática (i.e. o que está mais perto estruturalmente). A língua-I fornece instruções para os sistemas de pensamento e o sistema sensorio-motor. Podemos pronunciar um elemento em uma posição e interpretá-lo em outras posições também (e.g. Que livro você leu ~~que livro?~~). Onde pronunciamos a cópia é questão de externalização. Os fatos relacionados à externalização (i.e. o que vemos, pronunciamos, sinalizamos) “é o que você tem de aprender quando você aprende uma língua ou o que você tem de ensinar se você ensina língua”, nas palavras de Chomsky (2012: 12) (Tradução nossa).

A Pobreza de Estímulo é um aspecto controverso no campo de estudo em SLA, mas, o efeito da ausência de evidência negativa (ver 5.1), por exemplo, é atestado em SLA/Gen⁵⁰. Reiteramos que o aspecto mais particular dos estudos em SLA/Gen consiste em investigar dentro do seu campo de estudo a teoria da dotação genética (i.e. a GU)⁵¹. O outro aspecto dos estudos é o que está relacionado à variabilidade –tendo em vista, por exemplo, os efeitos de influência *cross*-linguística–, o que é concebido no âmbito da externalização (e.g. *QU-SV* ou *SVQU-*, mas cuja interpretação é indistintamente *para cada livro x você leu o livro x*). Assumindo que o minimalismo não é paramétrico –porque não há princípios parametrizáveis–, Amaral e Roeper (2014) seguem uma linha que podemos associar, em parte, aos argumentos de Newmeyer (2004) e Boeckx (2014). Por um lado, os autores descartam a noção clássica de parâmetro, por outro lado, não negam que certas propriedades possam engatilhar generalizações gramaticais disponíveis na GU. Portanto, parece haver uma brecha no modelo para a investigação “paramétrica”, mas não como formulada em P&P/GB.

Se há ou não implicação de propriedades p_f e em que dimensão é em si uma questão para a investigação empírica (ver 5.3.). Voltando ao conjunto $VS'UVS'' = \{\alpha, \eta, \delta, \gamma, \lambda, \mu\}$, uma vez que o aprendiz tenha representada uma (sub)gramática $p_{f\alpha\mu}$, portanto $p_{fEPP[+Foc]}$, a predição é que ele possa compreender e produzir $XP_{EPP[+Foc]}-VS$. Isso implica que a língua-I estabelece uma relação sonda-alvo $[+Foc]-[iFoc]$ e o efeito disso na sintaxe visível é MI. A questão é entender se há relação disso com alguma outra p_f em VS'' implicada que concorra para bloquear $XP_{EPP[+Foc]}-VS$ (e.g. estrutura argumental: inacusativos vs. transitivos). Para além da ficção, podemos estar falando da externalização de *QU-* em interrogativas do espanhol/ L_2 ou de constituintes focalizados em espanhol/ L_2 , por falantes do PB/L_1 . Por exemplo, o aprendiz pode produzir “¿Dónde nació Juan?” (i.e. com inacusativos) e “¿Juan dijo qué?” (i.e. com transitivos). Outras propriedades podem estar implicadas, de maneira que a externalização coincida em alguma (sub)gramática, mas não reflita um dado conjunto de propriedades p_f . Outro exemplo, o mesmo aprendiz pode produzir “¿Dónde nació Juan?” e “¿Dónde que nació Juan?”, o que põe em dúvida se o primeiro também é decorrente de uma (sub)gramática $XP_{EPP[+Foc]}-VS$ tal como disponível em VS'' ⁵².

⁵⁰ Cf. Cook (2003).

⁵¹ Mais recentemente, isso leva a investigar, por exemplo, a compreensão, a produção e o processamento da estrutura de dependência sintática (i.e. em detrimento da ordem linear).

⁵² Cf. Ruas (2017) para discussão com base na compreensão e produção de foco estreito de sujeito (não contrastivo) de espanhol mexicano/ L_2 por falantes adultos de PB/L_1 . A autora mostra evidências de que o problema (i.e. a dificuldade e o *locus* de variabilidade) não tem a ver com a propriedade discursiva p_{fFoc} , mas com o mapeamento de outras propriedades lexicais/formais, a saber, [3p, acusativa] e EPP. No primeiro caso, por exemplo, o efeito sintático disso é que o aprendiz produz inversão com propriedades VS' (L_1) conflitantes com VS'' (L_2), como “me

É necessário buscar evidências de que uma p_f implique outra e em que dimensões. O mapeamento de propriedades p_f em (sub)gramáticas pode ser capturado em diagramas de Venn, como exemplificamos (idealmente) na figura 2:

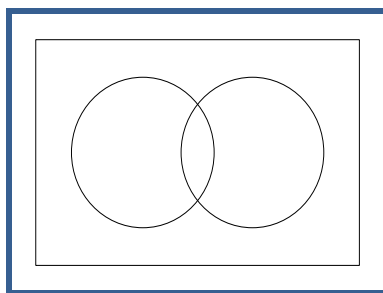


Figura 2: Esquema para a representação de (sub)gramáticas em diagrama de Venn

Os diagramas terão diferentes configurações dependendo do objeto de análise: o conjunto universo, os domínios e os elementos. Em resumo, a proposta é representar as (sub)gramáticas de maneira a mapear propriedades p_f e capturar possíveis implicações entre elas. O esquema sugere Merge de (sub)gramáticas.

5.3. Os pares *espanhol-português*: pensando agendas

Investigar diferentes configurações de pares *espanhol-português* –línguas tipologicamente próximas (e.g. par espanhol mexicano-português brasileiro) e línguas tipologicamente mais próximas (e.g. par espanhol dominicano-português brasileiro)–, indica um cenário para profícuas agendas de pesquisa. Pensando no Princípio de Subconjunto subjacente à hierarquia de parâmetros, uma predição geral inicial é a de que microparâmetros, sendo hierarquicamente inferiores e, portanto, superconjuntos em relação a mesoparâmetros, levarão mais tempo para serem adquiridos (ver o final de 2.2.1. e a figura 1)⁵³.

Pelo o que nos interessa mais particularmente neste trabalho –pares *espanhol-português* no contexto linguístico latino-americano⁵⁴–, seria relevante investigar comparativamente LSN/C-LSN/P e LSN/P-LSN/P, como por exemplo: falantes de PB_{L1} aprendizes de EM_{L2/L3}; falantes de EM_{L1} aprendizes de PB_{L2/L3}; falantes de PB_{L1} aprendizes de ED_{L2/L3}; falantes de ED_{L1} aprendizes

asignó [_{Foc}uno de los coordinadores]” (i.e. sem o objeto ou clítico). No segundo caso, embora possa compreender $p_{f_{Foc}}$ em VS”, seleciona propriedades conflitantes cujo efeito sintático é MI do sujeito que carrega $p_{f_{Foc}}$, como “[un fantasma_{Foc}] cuchicheó”. Além do mais, há evidência de pobreza de estímulo: os aprendizes avançados passam por um estágio *movimento-p* VO_[FocS] antes de produzirem OclV_[FocS], embora aquele não seja produtivo no espanhol do México (Cf. Gutiérrez Bravo 2020, neste volume), conforme evidencia a análise estatística dos dados.

⁵³ Mas ressaltamos que esta é uma investigação que envolve uma interação de fatores na FL (Cf. Tsimpli 2014; Dominguez 2014; Yang 2002, 2011, 2018).

⁵⁴ Um revisor anônimo questionou se o título deste trabalho não seria enganoso, já que a autora aborda o espanhol europeu e o PB. No entanto, dentro dos limites, procuramos apresentar descrições do que poderiam ser variedades do espanhol consideradas LSN/C e LSN/P (ver 3.1.). Além do mais, ressaltamos que a realidade linguística latino-americana quanto aos pares espanhol-português não se restringe ao espanhol americano e ao PB, o que implicaria ignorar as comunidades de imigrantes, bem como as diversas manifestações do multi/bilinguismo relevantes para os estudos em SLA (e.g. língua de herança), disciplina esta que não se resume ao estudo de L₂. Faz parte do escopo deste texto pares linguísticos formados com falantes de português europeu/língua de herança aprendizes de espanhol, entre outros (Cf. Hamers e Blanc 2000).

de PB_{L2/L3}; e assim por diante. Esses pares podem ser formados levando-se em conta o perfil não-monolíngue dos sujeitos participantes da pesquisa (i.e. língua de herança, bilinguismo simultâneo, bilinguismo sequencial infantil e adulto).

Com base nas hipóteses em SLA/Gen, seria relevante observar, por exemplo, evidências da adquiribilidade dos traços (e.g. interpretável/não-interpretável, valorado/não-valorado), e os efeitos disso na sintaxe visível. Uma pergunta a ser levantada pode ser se traços [não-interpretáveis]-[não-valorados] são mais problemáticos do que traços [não-interpretáveis]-[valorados]. Também seria relevante observar tais efeitos nas interfaces. Uma pergunta a ser levantada é se alguma (s) dessa (s) interfaces constitui um *locus* de variabilidade ou opcionalidade mais do que outra.

Pessoa (1/2/3), como lexicalizada no sistema-D (i.e. com ou sem exponência morfofonológica e em relação a que traços, referencial, arbitrário, expletivo) pode ser investigada mediante evidência proveniente da compreensão e produção de pronomes sujeitos expressos e nulos em diferentes construções. Por um lado, pensando no modelo MG, as perguntas da investigação terão a ver com como o aprendiz está lidando com as “regras” das (sub)gramáticas. Se não substituimos ou subtraímos propriedades, mas as acomodamos em (sub)gramáticas, o falante de PB tem uma (sub)gramática [+sujeito nulo] –que pode ser entendida como decorrente de bilinguismo sequencial tardio (por volta dos 6 anos quando começa a ler e escrever) ou L₂⁵⁵–, e uma [±sujeito nulo] adquirida precocemente. Por outro lado, pensando no modelo da hierarquia de parâmetros, a natureza LSN/P do PB é um superconjunto em relação a LSN/C. Então, uma predição é que deve haver diferença na direcionalidade PB_{L1}-E/SNC_{L2} e E/SNC_{L1}-PB_{L2}.

O que acabamos de dizer pode ser averiguado na compreensão e produção de 3ps [referencial] e [arbitrária] (em detrimento das 1/2ps, por exemplo), em ambientes linguísticos com pronomes sujeitos expressos e nulos, como em (8) e (9) repetidos aqui como (22) e (23) (ver 3.1.2.):

- | | |
|--|---------|
| 22. a. pro _{ref} Conozco a Juan. pro _{ref} Vende helado en la playa. | [E/SNC] |
| b. Se _{arb} /*pro _{arb} vende helado en la playa. | |
| 23. a. (Eu) conheço o João. Ele _{ref} vende sorvete na praia. | [PB] |
| b. pro _{arb} Vende sorvete na praia. | |

A predição é a de que o falante de E/SNC terá mais dificuldade na compreensão e/ou produção de [3p, nula, arbitrária] em (23b) do que o falante de PB na compreensão e/ou produção de [3p, expressa, arbitrária] em (22). Também seria interessante investigar pares LSNs/P (e.g. ED-PB).

Outros tipos de sentenças poderiam ser investigados para o estudo de fenômenos relacionados às interfaces. Um objeto de estudo pode ser a compreensão e produção de tópicos-sujeitos e deslocamento clítico à esquerda de sujeito, tendo em vista a distribuição de pronomes sujeito fortes e fracos em LSNs/P, como o ED e o PB. Outro objeto de estudo poderia ser a compreensão e produção de correferência anafórica de pronomes sujeitos expressos e nulos em sentenças encaixadas.

Além de evidências relacionadas à influência *cross*-linguística ou translanguagem, os objetos de estudo aqui sugeridos podem proporcionar evidências para a Pobreza de Estímulo, já que envolvem propriedades subespecificadas no *input* (i.e. pouco ou não perceptíveis no *input*)

⁵⁵ Cf. Meisel (2009).

e para as quais não recebemos instrução formal em aulas e materiais pedagógicos. Seria possível investigar se há ausência de evidência negativa, por exemplo, no sistema-D(definitude), no que diz respeito à relação sonda-alvo em T e D.

A OPC poderia ser amplamente averiguada, atentando-se para os tipos de quantificadores – *ninguém, cada, nenhum/a, todo/a*–, dado que o PB e o E/SNP evidenciam um processo de mudança de [+sujeito nulo] para [-sujeito nulo]. Se a vinculação ocorre, a predição é que seja assimetricamente, em função do tipo de quantificador.

Considerando as configurações de pares LSNs/C ($T_{[\varphi, D]} \dots \text{pro}_{[\varphi, D]}_{L1}$)–LSNs/P ($T_{[\varphi]} \dots \text{pro}_{[\varphi]}_{L2}$), poderia ser observado se, em algum período de tempo t_x , os dados de compreensão e/ou produção evidenciam uma (sub)gramática de sujeito não-nulo ($T_{[\varphi]} \dots \text{pro}_{[\varphi, D]}$), de maneira a haver vinculação do pronome sujeito de 3p independentemente do tipo de quantificador. A predição é de que, se ocorre, há efeito de direcionalidade, devido ao Princípio de Subconjunto: LSNs/C são subconjuntos imediatos de LSNs/P, e LSNs/P são subconjuntos imediatos de línguas de sujeito não-nulo. Sendo assim, a hipótese é de que isso ocorra no sentido LSNs/C_{L1}–LSNs/P_{L2}, mas não o contrário –LSNs/P_{L1}–LSNs/C_{L2}. Para tanto, seria necessário ter um controle rigoroso sobre o perfil linguístico dos sujeitos participantes quanto às suas experiências linguísticas para além dos pares *espanhol-português*.

Além do mais, isso poderia ser uma evidência favorável a “parâmetros” em detrimento de “regras” –no sentido relevante do debate apresentado–, em SLA/Gen, já que, aparentemente, uma (sub)gramática não-nula estaria atuando (i.e. parametricamente), apesar da ausência de evidência negativa. Essa seria uma evidência relevante para a própria teoria linguística, pois, se parâmetros são fatos de terceiro fator, ou ainda, da interação entre fatores, não faz sentido assumir que ocorram apenas em gramáticas monolíngues.

Enfim, são muitos os aspectos gramaticais que podem ser estudados, como podemos concluir deste e dos demais trabalhos apresentados no volume. Vale ressaltar, porém, que, para a consolidação de agendas, é imprescindível a realização de estudos que explorem sistematicamente os mesmos aspectos, para o levantamento e confronto de hipóteses. Igualmente imprescindível é a possibilidade de reaplicação metodológica e a meta-análise de resultados. Acreditamos que a metodologia experimental tenha muito a proporcionar. Considerando a quantidade de estudos em descrição e análise linguística, e em aquisição da linguagem (i.e. L₁, L₂, língua de herança, bilinguismo), bem como a amplitude dos aspectos relacionados às propriedades *pro-drop* (i.e. de sujeito, mas também de objeto), o PSN concorre como um profícuo objeto de investigação.

Há muito potencial para a pesquisa teórica em SLA/Gen no contexto linguístico latino-americano, já que os pares *espanhol-português* podem fornecer muitas e novas evidências sobretudo em dimensões *meso-* e *micro-* (quem sabe em dimensões *nano-*), mas, evidentemente, o primeiro passo é a pesquisa empírica. Destacamos ainda a importância desses estudos para a Linguística Aplicada: ter compreensão empírica dos fatos sobre a aquisição *espanhol-português* tem muito a contribuir com a aprendizagem e o ensino dessas línguas, seja no tocante à elaboração de projeto político-pedagógico, gramáticas pedagógicas e livros didáticos, seja no tocante às políticas linguísticas e educacionais na América Latina. Para além do valor linguístico, ressaltamos o valor político e simbólico dessas possíveis agendas, e sua contribuição para o projeto Romania Nova da ALFAL.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de dedicar as últimas palavras para situar SLA no programa biolinguístico de investigação. Como vários pesquisadores vêm sinalizando, há uma forte necessidade de modelos que capturem evidências da representação e do desenvolvimento linguístico (Rothman e Slabakova 2018), bem como as diferentes manifestações do multi/bilinguismo (Sorace 2020). Neste sentido, acreditamos que a FL (sentido amplo) nunca esteve tão propiciamente desenhada, haja vista a importância da interação entre os três fatores da linguagem. As questões aqui levantadas podem ser investigadas também quanto ao desenvolvimento (e.g. interação com o *input*) e desempenho/processamento de gramáticas não-monolíngues em suas diversas manifestações, dentro do programa biolinguístico de investigação. Trata-se, pois, de um campo de estudo que pode fornecer muitas evidências empíricas relevantes para o programa, já que, reproduzindo as palavras de Chomsky (em comentário pessoal) quando comentando uma de nossas questões sobre o sistema linguístico multi/bílingue: “An individual is born with a faculty of language, not languages”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adger, David e Peter Svenonius. 2011. Features in minimalist syntax, em Cedric Boeckx (ed.), *The Oxford handbook of linguistic minimalism*, Oxford, Oxford University Press: 1-17.
- Alexiadou, Artemis e Elena Anagnostopoulou. 1998. Parameterizing AGR: word order, V-movement and EPP-checking, em *Natural language and linguistic theory*, 16: 491-539.
- Amaral, Luiz e Tom Roeper. 2014a. Multiple grammars and second language representation, em *Second language research*, 30(1): 3-36.
- Amaral, Luiz e Tom Roeper. 2014b. Why minimal multiple rules provide a unique window into UG and L₂, em *Second language research*, 30(1): 97-107.
- Araújo, Rerisson Cavalcante de. 2018. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos, em Daniel da Silva Carvalho e Lílian Teixeira Sousa (eds.), *Gramática gerativa em perspectiva*, São Paulo, Blucher: 187-208.
- Baker, Mark. 2008. The macroparameter in a microparametric world, em Theresa Biberauer (ed.), *The limits of syntactic variation*, Amsterdam, Benjamins: 351-373.
- Barbosa, Pilar, Maria Eugênia Lamoglia Duarte e Mary Kato. 2005. Null subjects in European and Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese linguistics*, 4:11-52.
- Berwick, Robert e Noam Chomsky. 2011. The biolinguistic program: the current state of its evolution and development, em Anna Maria di Sciullo e Cedric Boeckx (eds.), *The biolinguistic enterprise: new perspectives on the evolution and nature of the human language faculty*, Oxford, Oxford University Press: 19-41.
- Biberauer, Theresa e Ian Roberts. 2015. Rethinking formal hierarchies: a proposed unification, em *Cambridge occasional papers in linguistics*, 7:1-31.
- Boeckx, Cedric. 2014. What principles and parameters got wrong, em Carme Picallo (ed.), *Linguistic variation and the minimalist program*, Oxford, Oxford University Press: 155-178.
- Borer, Hagit. 1986. I-subjects, em *Linguistic inquiry*, 17: 375-416.
- Cabrera, María José. 2008. *Null subject patterns in language contact: the case of Dominican Spanish*. Tese de doutorado, Rutgers University. New Brunswick, NJ. [em linha] Disponível em: <https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/24106/>
- Camacho, José. 2013. *Null subjects*. Cambridge UK, Cambridge University Press.
- Camacho, José. 2016. The null subject parameter revisited: the evolution from null subject Spanish and Portuguese to Dominican Spanish and Brazilian Portuguese, em Mary Kato e Francisco Ordóñez (eds.), *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, New York, Oxford University Press: 27-48.
- Cardinaletti, Anna e Michal Starke. 1999. The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns, em Henk van Riemsdijk (ed.), *Clitics in the languages of Europe*, Berlin, Mouton de Gruyter:145-233.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures and government and binding: the Pisa lectures*, Dordrecht, Foris.

- Chomsky, Noam. 1986. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*, New York, Praeger.
- Chomsky, Noam. 1995. *The minimalist program*, Cambridge, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2000. Minimalist inquiries: the framework, em Roger Martin, David Michaels e Juan Uriagereka (eds.). *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, Cambridge, MIT Press: 89-156.
- Chomsky, Noam. 2005. Three factors in language design, em *Linguistic inquiry*, 36(1): 1-22.
- Chomsky, Noam. 2012. Poverty of stimulus: unfinished business, em *Studies in Chinese linguistics*, 33(1): 3-16.
- Chomsky, Noam. 2013. Problems of projection, em *Lingua*, 130: 33-49.
- Chomsky, Noam. 2015. Problems of projection: extensions, em E. Di Domenico, C. Hamann e S. Matteini (eds.), *Structures, strategies and beyond: studies in honor of Adriana Belletti*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 3-16.
- Cook, Vivian. 2003. The poverty of the stimulus argument and structure-dependency in L₂ users of English, em *International review of applied linguistics*, 41: 201-221.
- D'Alessandro, Roberta. 2015. Null subjects, em Antonio Fábregas, Jaume Mateu e Michael Putnam (eds.), *Contemporary linguistic parameters*, London, Bloomsbury Press: 201-226.
- Domínguez, Laura. 2014. How suitable is the macro-micro parametric distinction in acquisition?, em *Linguistic approaches to bilingualism*, 4(3): 324-329.
- Dryer, Matthew. 1992. On the Greenbergian word-order correlations, em *Language*, 68: 81-138.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1992. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil, em *D.E.L.T.A*, 8 (especial): 37-52.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2018a. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil, em Ian Roberts e Mary Kato (eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 3ª ed., São Paulo, Contexto: 107-128.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2018b. O sujeito nulo no português brasileiro, em Sonia Cyrino e Maria Torres Morais (coords.), *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*, São Paulo, Contexto: 26-71.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2019. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu, em Charlotte Galves, Mary Kato e Ian Roberts, *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*, Campinas, Editora Unicamp: 93-126.
- Gallego, Ángel. 2006. Phase effects in Iberian Romance, em Nuria Sagarra e Jacqueline Almeida Toribio (eds.), *Selected proceedings of the 9th Hispanic linguistics symposium*, Somerville, Cascadilla Proceedings Project: 43-55.
- Gianollo, Chiara, Cristina Guardiano e Giuseppe Longobardi. 2008. Three fundamental issues in parametric linguistics, em Theresa Biberauer (ed.), *The limits of syntactic variation*, Amsterdam, Benjamins: 109-142.
- Gilligan, Gary Martin. 1987. *A cross linguistic approach to the pro-drop parameter*. Tese de doutorado, University of Southern California. Los Angeles. [em linha] Disponível em: <http://digitallibrary.usc.edu/cdm/ref/collection/p15799coll37/id/42722>
- Gutiérrez Bravo, Rodrigo. 2020. La sintaxis del español de México: un esbozo, em *Cuadernos de la ALFAL* 12 (2): 44-70.
- Hamers, Josiane e Michel Blanc. 2000. *Bilinguality and Bilingualism*. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hauser, Marc, Noam Chomsky e Tecumseh Fitch. 2002. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?, em *Science*, 298: 1569-1579.
- Hawkins, Roger e Yet-hung Chan. 1997. The Partial Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: the “Failed Functional Features Hypothesis”, em *Second Language Research*, 13(3): 187-226.
- Holmberg, Anders, Aarti Nayudu e Michelle Sheehan. 2009. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish, and Marathi, em *Studia linguistica*, 63(1): 59-97.
- Holmberg, Anders. 2010. Parameters in minimalist theory: the case of Scandinavian, em *Theoretical linguistics*, 36(1): 1-48.
- Huang, James. 1984. On the distribution and reference of empty pronouns, em *Linguistic inquiry*, 15(4): 531-574.
- Jaeggli, Osvaldo e Kenneth Safir. 1989. The null subject parameter and parametric theory, em Osvaldo Jaeggli e Kenneth Safir (eds.), *The null subject parameter*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers: 1-44.
- Kato, Mary e Francisco Ordóñez. 2016. *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, New York, Oxford University Press.
- Kato, Mary e Ordóñez, Francisco. 2019. Topic subjects in Brazilian Portuguese and clitic left dislocation in Dominican Spanish: the role of clitics and null subjects, em *Syntax*, 22 (especial): 1-19.
- Kato, Mary. 1999. Strong and weak pronominals in the null subject parameter, em *Probus*, 11: 1-37.
- Kato, Mary. 2000. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil, em *Fórum linguístico*, 2(1): 97-127.

- Kayne, Richard. 2005. Some notes on comparative syntax, with special reference to English and French, em Guglielmo Cinque e Richard Kayne (eds.), *The Oxford handbook of comparative syntax*, Oxford, Oxford University Press: 3-69.
- Kratzer. 2009. Making a pronoun: fake indexicals as windows into the properties of pronouns, em *Linguistic inquiry*, 40: 187-237.
- Kroll, Judith, Susan Bobb e Noriko Hoshino. 2014. Two languages in mind: bilingualism as a tool to investigate language, cognition, and the brain, em *Current directions in psychological science*, 23(3): 159-163.
- Lardiere, Donna. 2000. Mapping features to forms in second language acquisition, em John Archibald (ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*, Oxford, Blackwell: 102-129.
- Lardiere, Donna. 2008. Feature assembly in second language acquisition, em Juana Liceras, Helmut Zobl e Helen Goodluck (eds.), *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates: 106-140.
- Lardiere, Donna. 2014. What is a rule of grammar?, em *Second language research*, 30(1): 41-46.
- Lawall, Raquel Fellet e Samara Ruas. 2018. Processamento de correferência anafórica em português brasileiro como língua materna e língua de herança, comunicação apresentada no XXXIII Encontro Nacional da ANPOLL, Mato Grosso, Cuiabá, 27-29 de junho de 2018.
- Liceras, Juana, Helmut Zobl e Helen Goodluck (eds.). 2008. *The role of formal features in Second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Liceras, Juana. 1989. On some properties of the pro-drop parameter: looking for missing subjects in non-native Spanish, em Susan Gass e Jacqueline Schachter (eds.), *Language acquisition: a linguistic approach*, Cambridge, Cambridge University Press: 109-133.
- Liceras, Juana. 2014. The multiple grammars theory and the nature of L₂ grammars, em *Second language research*, 30(1): 47-54.
- López, Luis. 2020. *Bilingual grammar: toward an integrated model*. New York: Cambridge University Press.
- Meisel, Jürgen. 2009. Second language acquisition in early childhood, em *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 28(1): 5-34.
- Montalbetti, Mario. 1984. *After binding: on the interpretation of pronouns*. Tese de doutorado, Massachusetts Institute of Technology. Cambridge (Massachusetts). Inedita
- Newmeyer, Frederick. 2004. Against a parameter-setting approach to language variation, em *Linguist variation yearbook*, 4(1): 181-234.
- Ordóñez, Francisco e Antxon Olarrea. 2006. Microvariation in Caribbean/non Caribbean Spanish interrogatives, em *Probus*, 18: 59-96.
- Perlmutter, David. 1971. *Deep and surface constrains in syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- Rizzi, Luiz. 1982. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht, Foris.
- Rizzi, Luiz. 1986. Null objects in Italian and the theory of pro, em *Linguistic inquiry*, 17: 501-557.
- Roberts, Ian e Anders Holmberg. 2005. On the role of parameters in Universal Grammar: a reply to Newmeyer, em Hans Broekhuis, Norbert Corver, Martin Everaert e Jan Koster (eds.), *Organising grammar: a Festschrift for Henk van Riemsdijk*, Berlin, Mouton de Gruyter: 538-553.
- Roberts, Ian e Anders Holmberg. 2010. Introduction: parameters in minimalist theory, em Theresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts e Michael Sheehan, *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge University Press: 1-57.
- Roberts, Ian. 2019a. Domains and Parameters, Conferência apresentada no *Workshop on Subject, Topic and Clausal Architecture*, Florianópolis, Santa Catarina, 11-14 de novembro 2019.
- Roberts, Ian. 2019b. *Parameters Hierarchies and Universal Grammar*. Oxford, Oxford University Press.
- Rothman, Jason e Roumyana Slabakova. 2018. State of the scholarship: the generative SLA and its place in modern second language studies, em *Studies in second language acquisition*, 40(2): 417-442.
- Ruas, Samara. 2013. *Aquisição de interrogativas QU- do espanhol como L₂ por falantes adultos do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. [em linha] Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/2-Mestrado/dissertacao/2013>
- Ruas, Samara. 2017. *Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L₂ por falantes adultos brasileiros*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. [em linha] Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/index.php/pt/teses-e-dissertacoes-n/teses/teses-2017>
- Ruas, Samara. 2018. A pesquisa gerativista em aquisição de segunda língua: uma revisão, em Danniell da Silva Carvalho e Lílian Teixeira Sousa, *Gramática gerativa em perspectiva*, São Paulo, Blucher: 159-186.
- Saab, Andrés. 2016. On the notion of partial (non-) pro-drop in Romance, em Mary Kato e Francisco Ordóñez (eds.), *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, New York, Oxford University Press: 49-77.

- Schwartz, Bonnie e Rex Sprouse. 1996. L₂ cognitive states and the full transfer/full access model, em *Second language research*, 12(1): 40-72.
- Sessarego, Sandro e Letania Ferreira. 2016. Spanish and Portuguese parallels: impoverished number agreement as a vernacular feature of two rural dialects, em Sandro Sessarego e Fernando Tejedro-Herrero (eds.), *Spanish language and sociolinguistic analysis*, Amsterdam, John Benjamins: 283-304.
- Smith, Neil e Ianthi-Maria Tsimpli. 1995. *The Mind of a Savant*, Oxford, Blackwell.
- Sorace, Antonella. 2011. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism, em *Linguistic approaches to bilingualism*, 1(1): 1-33.
- Sorace, Antonella. 2020. The ‘native monolingual standard’ in language research (and why it’s a problem), em *Abralin ao vivo*. [em linha] Disponível em: <https://youtu.be/PpSi0lSSISc>
- Suñer, Margarida. 1994. V-movement and the licensing of argumental wh-phrases in Spanish, em *Natural language and linguistic theory*, 12: 335-372.
- Taraldsen, Knut Tarald. 1978. *On the NIC, vacuous application and the that-trace filter*. Unpublished ms, MIT.
- Toribio, Jacqueline Almeida. 2000. Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish, em *Lingua*, 10: 315-341.
- Truscott, John e Mike Sharwood Smith. 2004. Acquisition by processing: a modular perspective-oriented account, em *International review of applied linguistics in language teaching (IRAL)*, 44(4): 311-330.
- Tsimpli, Ianthi-Maria e Anna Roussou. 1991. Parameter-resetting in L₂?, em *UCL Working papers in linguistics*, 3: 149-169.
- Tsimpli, Ianthi-Maria e Maria Mastropavlou. 2008. Feature interpretability in L₂ acquisition and SLI: Greek clitics and determiners, em Juana Liceras, Helmut Zobl e Helen Goodluck (eds.), *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates: 143-183.
- Tsimpli, Ianthi-Maria. 2006. Variation in Second Language Acquisition, em Kenneth Brown (ed.), *Encyclopedia of language and linguistics*, 2ª ed., Oxford, Elsevier: 387-394.
- Tsimpli, Ianthi-Maria. 2014. Early, late or very late?: time acquisition and bilingualism, em *Linguistic approaches to bilingualism*, 4(3): 283-313.
- Valenzuela, Elena. 2008. On complementizer phrase positions in L₂ Spanish, em Juana Liceras, Helmut Zobl e Helen Goodluck (eds.), *The role of formal features in Second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates: 535-560.
- Wexler, Kenneth. 1998. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage, em *Lingua*, 106: 23-79.
- White, Lydia. 1985. The pro-drop parameter in adult second language acquisition, em *Language learning*, 35(1): 47-62.
- White, Lydia. 2003. *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge, Cambridge University Press.
- White, Lydia. 2008. Some puzzling features of L₂ features, em Juana Liceras, Helmut Zobl e Helen Goodluck (eds.), *The role of formal features in Second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates: 300-326.
- Yang, Charles. 2002. *Knowledge and learning in natural language*. Oxford: Oxford University Press.
- Yang, Charles. 2011. Three factors in language variation, em Anna Maria Di Sciullo e Cedric Boeckx (eds.), *The biolinguistic enterprise: new perspectives on the evolution and nature of the human language faculty*, Oxford, Oxford: 180-204
- Yang, Charles. 2018. A formalist perspective on language acquisition, em *Linguistic approaches to bilingualism*, 8(6): 665-760.